

# MULHERIO

Ano V nº 22  
São Paulo  
Brasil  
julho/agosto/  
setembro de 85  
Cr\$ 7.000

Maria Luza Heilborn



## NAIRÓBI

terceiro mundo segundo sexo primeira década

# Agenda

## Encontro da OAB

A Ordem dos Advogados do Brasil de Santa Catarina promove de 17 a 20 de outubro o 1º Encontro Nacional da Mulher Profissional de Direito, com o tema **A Mulher e Suas Lutas**. O Encontro vai ser realizado na Assembléia Legislativa e, além dos painéis, será organizada uma tribuna livre paralela. MULHERIO estará lá fazendo uma discussão sobre imprensa no sábado, dia 19.

## Investigação científica

O CEPEA, Centro de Estudos, Pesquisa e Assessoria para Assuntos da Mulher de Porto Alegre realiza na primeira semana de novembro o Encontro Nacional de Investigação sobre a Mulher. O tema do Encontro é o seguinte: 1 — A história dos estudos sobre a mulher no Brasil e a experiência de outros países. 2 — Ciência: e investigação sobre a mulher. 3 — A questão epistemológica — revisar o sabido, pensar o omitido. 4 — A pesquisa como instrumento para a transformação do real. MULHERIO vai estar lá também. O endereço para contatos com o CEPEA é Travessa 19 de Novembro 65 ap. 502 - 90000 Porto Alegre - RS.

## MULHERIO em Curitiba

Entre os dias 25 e 30 de outubro MULHERIO vai promover um debate em Curitiba sobre a imprensa feminina depois de Nairóbi. O local será cedido pela Fundação Cultural de Curitiba e ainda não está confirmado.

# Cartas

Ethel:

Sabe o que eu penso? No dia em que as mulheres TODAS, unidas, de qualquer RAÇA, CREDO, COR compreendem que a espécie deve continuar através de NOS-SOS FILHOS e NETOS... mas que para isso ser possível tem que haver AMOR por essas mesmas criaturas... Não espancar ou sequer ameaçar! Fica um círculo vicioso de negatividade! As mães batem para descarregar neuroses... privações... A situação econômica é péssima... O marido bebe ora burro... ganha pouco! Temos que nos mexer! Mulheres, vamos acordar!?

Quando você mandar os cartões de assinatura vou começar a dar a força que faltava. **Podes crer!** O intuito é engrossar a corrente! Agora, que precisamos também de homens engrossando-a juntamente, não resta a menor dúvida! A PROPOSTA MAIOR NÃO É A PAZ?

Sônia Maria - São Sebastião

## A Pele ou o Vídeo se Autocritica

É o título do vídeo de Anésia Pacheco e Chaves que será apresentado em São Paulo no Museu da Imagem e do Som (Av. Europa, 158) dia 1º de outubro às 20 horas, de 2 a 6 de outubro às 18, 19 e 20 horas e dia 5 às 16, 17 e 18 horas. O trabalho de Anésia situa-se num tempo de perplexidade e coloca indagações sobre a pele, sobre o vídeo e sobre a própria indagação.

## Caderno especial

Comemorando o encerramento da Década, o Caderno de Pesquisas da Fundação Carlos Chagas lança seu segundo número especial sobre a mulher, organizado por Cristina Bruschini e Cynthia Sarti, e com um artigo introdutório sobre a mulher como objeto de estudos no Brasil, de autoria de Albertina de O. Costa, Carmem Barroso e Cynthia Sarti. Esse Caderno apresenta os resultados do 3º Concurso de pesquisas sobre a Mulher, da sua diversidade quanto a temas, abordagens e disciplinas acadêmicas. O lançamento está marcado para dia 9 de outubro às 19:30, na Livraria da Vila, Rua Fradique Coutinho, 1140, São Paulo.

## Sexualidade humana

É o curso que será dado em três módulos de 50 horas na PUC, São Paulo. O primeiro módulo, **Bases Bio-Psico-Antropológicas da Sexualidade**, vai de 21 de setembro a 21 de dezembro. O segundo módulo será no primeiro semestre de

1986. **Análise Sócio Política da Sexualidade Humana e o terceiro módulo, Sexualidade e Linguagem: Perspectivas**, será no segundo semestre de 1986. As aulas são aos sábados das 9 às 13 horas. Inscrições: Rua Ministro Godoy, 960. Tel.: 65-7715.

1986 — **Mulheres de todas as cores**

## Mulheres de todas as cores

O quarto volume da revista *Woman of Power* será publicado em maio de 1986 e abrirá suas páginas para a expressão de "mulheres de cores" de todas as partes do mundo. Serão considerados pela edição trabalhos literários e artísticos de mulheres de todos os países, culturas, idades, classes sociais e orientações feministas, sexuais e espirituais. Os textos podem ser escritos em espanhol e serão traduzidos para o inglês. *Woman of Power* pede que os materiais sejam enviados até 15 de novembro. O endereço é: *Woman of Power Magazine* P.O. Box 827, Cambridge, MA 01238-0827, Estados Unidos.

## Histórias de Alice

Alice é uma pesquisadora canadense que está coletando histórias de mulheres que encararam a decisão de interromper uma gravidez. Ela pede às mulheres que escrevam contando sua experiência, na perspectiva de que compartilhar sua própria história de aborto é ajudar outras mulheres nesse processo. Alice aponta alguns itens interessantes de serem narrados tais como custos, sensações de antes e depois, mudanças nas relações com homens; e pede que se eliminem nomes ou detalhes que possam identificar as pessoas em questão.

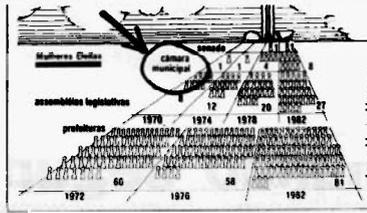
Quem quiser contribuir pode escrever para Alice, P.O. Box 1315, Station F, Toronto, Ontario, M4Y 2V8, Canada.

## Educação Popular e Mulheres

A Rede Mulher de São Paulo promove de 1 a 3 de Novembro o Encontro Nacional de Educação Popular e Movimento de Mulheres, em Piracicaba, na UNIMEP. O Encontro vai reunir grupos de mulheres de vários Estados e discutir metodologias de trabalho. Só para grupos já inscritos.

## Erramos

O gráfico ao lado foi publicado no último número com uma incorreção: onde está **Câmara Municipal** leia-se **Câmara Federal**.



Carmen da Silva: saudades de você



# Recados

## Recado 1

Devemos uma explicação: Mulherio está saindo atrasado demais. E, por contraditório que possa parecer, esse atraso se deve ao fato de tentarmos viabilizar para o próximo ano um Mulherio mensal. Hoje ele é bimestral (tem sido tri, na verdade), o que limita suas possibilidades editoriais e de implantação econômica, dificultando qualquer projeto mais sério de auto-sustentação.

Além do que, conseguimos apoio da Fundação Ford para estabelecermos estratégias de distribuição, divulgação e publicidade. Estamos metidos nisso até o pescoço, além de estarmos iniciando uma campanha de assinaturas, preparando a montagem de um Conselho Editorial e ainda programando diversas viagens para conseguir maior apoio para o jornal. Estamos com viagens marcadas para algumas capitais de estados brasileiros onde, entre outras coisas pretendemos fortalecer nossos laços com leitoras (es), realizando debates e reuniões de discussão do jornal, num contexto de fim da Década da Mulher, o feminismo hoje no Brasil, função de uma imprensa feminista etc..

De toda maneira, pretendemos corrigir nossa periodicidade e as assinaturas já feitas continuam válidas para seis números do jornal.

## Recado 2

Chegaram até nós alguns malentendidos de leitoras e amigas do jornal, devidos ao fato do número 21 ter sido editado em convênio com o Conselho Estadual da Condição Feminina. Esclarecemos que o convênio se limitou ao número 21 e foi realizado com base em interesses mútuos: do CECF e

nostros. Mulherio estava a perigo financeiramente e havia de nossa parte interesse em publicar materiais de avaliação da década no Brasil. O CECF tinha interesse em divulgar seu trabalho. Fizemos um acordo em que o CECF financiou parte dos custos do jornal naquela edição. (O acordo previa financiamento total, mas nós não fizemos um orçamento realista).

Temos para com o CECF uma postura companheira, mas Mulherio se mantém independente, sem vínculos com tendências do feminismo, partidos políticos ou órgãos governamentais. Defendemos ainda a visão de que o governo, se defende uma política de combate à discriminação da mulher, deve ser capaz de lidar com forças da sociedade civil que trabalhem nesta direção, sem que isso signifique o alinhamento político-partidário de quem quer que seja.

## Recado 3

Nosso terceiro recado é simultaneamente triste e envergonhado. Refere-se ao fato de não termos dado uma linha sequer lembrando e comungando com tantas pessoas a dor pela perda de Carmen da Silva. Carmen foi uma das iniciadoras do Mulherio e sua história/atuação/estímulo/cariño/humor dispensam comentários. Interferiram nesta omissão a periodicidade desequilibrada do jornal e o próprio fato de seu espaço ter sido totalmente dedicado às pesquisas. Absolutamente qualquer desses motivos reduz nossa falta. E nesse sentido que esse número, marcado pela divulgação do Fórum de Nairóbi, é dedicado à sua memória.

# MULHERIO

**Equipe:** Ethel Leon, Fúlvio Rosenberg, Inês Castilho, Regina Gomes, Tanya Volpe. — **Secretária:** Pérola Paes. — **Diagramação:** Ana Linnemann, MÔ Ribeiro e Sérgio Alli. — **Colaboraram neste número:** Albertina Oliveira Costa, Beatriz do Vale Bargieri, Jaime Prades e Lucy Ayala. — **Jornalista-responsável:** Adélia Borges, registro MTB 10.680, SJESP 4549. — **Editado por:** Núcleo de Comunicações Mulherio, rua Cunha Gago 734, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052. — **Impressão:** Companhia Editora Jorús, rua Arthur de Azevedo 1977, Pinheiros, São Paulo, SP, fone: 815-4999.

## DELEGACIA DA MULHER:

# Uma jornada nada particular

No seu desfile cotidiano de horrores, a Delegacia de Defesa da Mulher denuncia um círculo vicioso onde a violência não é só um "caso de polícia", mas, frequentemente, acaba sendo a única resposta que a própria polícia tem a dar.

Regina Gomes

**D**elegacia de Defesa da Mulher, segunda-feira, 9 de Setembro.

São 8:45. Dezenove mulheres já estão sentadas em bancos ao longo da sala de espera, cada uma com seu cartãozinho numerado. Uma investigadora recebe as que vão chegando, pergunta a razão da vinda, faz uma primeira triagem. Na sala das delegadas o ambiente é claro, informal. Duas mesas, um sofá, vasos de samambaia. A delegada titular, de conjunto vermelho, maquiagem cuidadosa, ouve atenta um dos primeiros casos do dia. Jovina, 32 anos, quatro filhos, conta que o marido lhe deu um prazo de dois dias para sair de casa. "E se eu ficar, ele não dá mais nada pra dentro de casa..." "Isso é bobagem!" assegura a delegada, sorridente, mas firme. "Se ele tem ser-

viço fixo e você for no advogado, ele vai ter que dar uma pensão." A delegada Rose, como é conhecida, fala em tom animado, sorri, gesticula. E com o rabo dos olhos espia a reação dos visitantes que hoje vieram conhecer sua já famosa delegacia

Na outra mesa, a delegada-assistente Maria Clementina tem à sua frente uma mulher e uma garota. Diva conta que o marido tentou seduzir sua irmã de 15 anos, a moçinha que ajudava a olhar as crianças e que agora, envergonhada, responde baixinho às perguntas. Não há provas, não chegou a acontecer, "mas ele tentou três vezes... Isso me arrasou, estragou minha vida... E eu trabalhando fora para ajudar, que o que ele ganha não dá nem para comer..."



A espera pode durar até as 10 da noite

### ENQUANTO ISSO, NA SALA DOS B.O.s...

Três escritas, as máquinas pipocando furiosamente, vão registrando as ocorrências. Marilda tem 23 anos, nasceu no Piauí. Seu pescoço tem grandes vergões escuros, arranhões, hematomas. "Ele chegou na sexta-feira já meio tomado. Eu já tava deitada, ele queria ter relação a mais, sabe como é, eu fui me defender, já viu. Começou a me dar pontapé, soco e isso aqui (mostra o pescoço); minha orelha está cortada... Na hora que ele pegou a faca foi que eu fugi, deu tempo de entrar na vizinha, deixei as crianças tudo chorando..."

Vilma Aparecida, 29 anos, está se sentindo mal, parece que vai vomitar. Remexe na bolsa e tira dois B.O.s amassados que entrega à escritá. Desta vez o ex-marido não agrediu, só ameaçou aos gritos no meio da rua, xingando de tudo que é nome. Vilma chora, trêmula; "Ele anda armado, disse que vai me matar..."

**O Boletim de Ocorrência é importante como prova de agressão. Em caso de lesões físicas o B.O., juntamente com o exame de corpo de delito, é uma prova que legitima a saída da mulher de casa, sem que ela perca seus direitos. Boletim do COJE, Fev/85.**

### E NAS OUTRAS DELEGACIAS?

Quem responde é Cleonice, 27 anos, investigadora-escrivã: "Em 12 horas de plantão eu não fazia mais do que dez ou 15 B.O.s, a média aqui é 30. Estupro, aparecia uns dois ou três por mês. Aqui está tudo concentrado, a gente vê coisas do arco-da-velha. As outras delegacias não registram, põem papos quentes, é um machismo fora do comum... Você viu a moça que saiu daqui com aquelas marcas no pescoço? O marido tentou esganar, ela foi sexta de noite na delegacia — podiam até ter caracterizado como tentativa de homicídio — e não fizeram nada, seguraram o cara lá uma noite e mandaram ela se virar, vir aqui na segunda-feira! Como é que os colegas da gen-



Cleonice, investigadora: "Boicote"

te têm coragem de mandar uma pessoa nesse estado de volta pra casa? Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher, essa é a teoria deles... Ameaçam a mulher de tomar as crianças, dizem que se ela sair de casa perde os direitos, e a mulherada acredita nessas abobrinhas! Em caso de estupro, então, dependendo de quem ela pegar, ela está frita, porque além da gozação ainda ele pode pegar e levar ela lá pra dentro... e tem muitos que fazem isso, não adianta dizer que não tem, porque tem mesmo. Não precisa muito: a gente que é funcionária leva um baile, imagina a vítima... Como é que eles estão vendo a Delegacia da Mulher? Estão excomungando! A gente encontra o pessoal na rua, eles dizem: "Como é, já tá lá na sapataria?" Davam 15 dias pra Delegacia fechar, diziam que ia ficar às moscas. E tão fazendo boicote: tudo que é mulher que aparece eles mandam pra cá, de madrugada, no fim de semana, e eles sabem que a gente ainda não tem esse plantão..."

14:30. Mais de 70 mulheres na sala de espera. Algumas se distraem, conversam em grupinhos. Outras estão sérias, olhos no vazio, sós. Uma tem o rosto deformado, um olho roxo, um grande ferimento na testa. Crianças brincam no tapete, faz calor. Aparece um garoto vendendo biscoito, bala de goma, pipoca doce. De pé no meio da sala lotada, Liana e Julia contam suas histórias. Liana veio dar queixa de um tarado que mora no seu prédio e que tentou atacá-la no



Os problemas se avolumam na frente da delegada titular

## Muito desgosto em agosto

A Delegacia de Defesa da Mulher, criada em 6 de agosto, funciona no prédio do DEGRAN, no Parque Dom Pedro. Além da delegada titular Rosmary Corrêa e sua assistente Maria Clementina de Souza, o restante do pessoal também é formado por mulheres: oito investigadoras, três escritas, três carcereiras, uma escriturária. A DDM conta com um Departamento Jurídico e um Plantão Social, além de

duas viaturas. Em um mês e meio de funcionamento, a DDM já registrou 760 Boletins de Ocorrência.

No primeiro mês, dos 482 B.O.s registrados, 40 por cento são de crimes de espancamento, 30 por cento de ameaça, 20 por cento de natureza sexual e 10 por cento, outros crimes. Foram 195 casos de agressão, 158 de ameaça, 54 de sinteligências, 27 estupros, 22 se-

ou simplesmente  
alguém que escute

elevador. Julia está sendo perseguida por um marginal com quem viveu oito anos.

15:30. A delegada Rosmary, rosto cansado, batom sumido, aconselha Benedito que veio respondendo a uma intimação: "Vou conversar com ela para ela deixar você ver seu filho de duas em duas semanas, mas olha lá, o filho é seu, você tem que desejar o bem de ele! Você já tem um processo, você tem que me dar sua palavra de homem que vai se comportar!"

Aparece na porta um motorista uniformizado trazendo um vaso de primulas com enorme laço rosa-choque. Rose lê o cartão, sorri maliciosa. Entra Herculano, 56 anos, negro, sério, terno azul-marinho, pasta de couro. Fala baixo, intenso. A filha casada apanha, ele já tirou da casa do marido, ela fugiu, voltou pra lá. Desesperado para salvar a filha, Herculano diz que mata o genro se for preciso. Rosmary escuta, os olhos tristes. Pondera: "Você não pode estragar sua vida de homem honesto, pai de seis filhos, por uma filha que não quer ser salva... Se ela não quer dar queixa você não pode fazer nada..."

#### VIOLENCIA X VIOLÊNCIA?

16:00 horas. Antes de sair para almoçar a delegada assistente dá

### Sexo oral e manjeriço

Para o governador Franco Montoro, a DDM permite que "num clima de total confiança, a mulher disponha de foro e tenha a reparação da violência que sofreu". Para centenas de mulheres, às vezes chamadas de "zica" (chata) na gíria das policiais, a DDM é muito mais:

— Doralice foi estuprada há seis anos e veio dar queixa só agora, que abriu a delegacia.

— O irmão de Neide é travesti. Outro dia vestiu as roupas dela, saiu pra rua, deu pra todo mundo. Neide está sendo ameaçada, apedrejada pelos vizinhos (que a confundiram com o irmão) e veio à DDM pedir um atestado de que é mulher.

— Dona Manuela intimou a vizinha, dona Iolanda, a comparecer à DDM. Dona Iolanda veio com a família inteira. Motivo? Segundo dona Manuela, o cheiro forte do manjeriço que Dona Iolanda usa para temperar a comida está agravando a doença do marido, "que é esclerosado".

— O marido de Irma quer fazer sexo oral. Ela veio à DDM para perguntar se é crime, se pode indiciá-lo.

uma entrevista para o correspondente do jornal **New York Times**, que pergunta se os maridos tentam justificar as agressões. "Tentam, e às vezes justificam com razão. Teve o caso de uma mulher que veio reclamar que o marido agrediu, mas ele trouxe aqui um monte de fotos dela no motel com outro homem."

NYT: "E você acha que ele teve razão de agredir?"

Maria Clementina: "Ah, se eu estivesse na mesma situação teria feito muito mais, não teria só dado uns tapas, acho que minha reação seria até mais violenta".

Do outro lado da sala a delegada Rose escuta Severina, de 28 anos, moradora da Vila Prudente: "Ele me deita no chão, fecha as portas, fala baixo para os vizinhos não ouvirem, põe o pé em cima de mim de faca na mão e fala: se você gritar eu te mato agora. Eu trabalho, pago o aluguel, a comida pros meus dois filhos, eu sustento a casa. Já falei pra ele viver a vida dele sozinho, tentei conversar numa boa, mas ele só quer mordomia e me bater. Já chegou hora desse homem me estuprar, dele enfiar as mãos por baixo de mim, fazer como quem tivesse puxando um bezerro de dentro de uma vaca. Nesse dia, que eu fiquei toda ensanguentada, procurei uma delegacia e não tive apoio nenhum."

Como na maioria dos casos, a proposta da delegada é mandar uma intimação para que o agressor compareça à delegacia. E aí



Tanya Volpe

uma constante: a mulher tem muito medo da violência ainda maior que poderá sobrar para ela. Que fazer então? A própria Rosmary responde: "Você pega um pau e dá na cabeça dele. Se matar, você foge do flagrante. Presa você não vai. Vocês têm que ter coragem, gente! Vocês deixam chegar a um ponto de ter pavor do homem! Se na primeira agressão você tivesse chegado uma panela de óleo quente na cabeça dele eu garanto que ele nunca mais teria repetido... Eu posso resolver o problema policial, é fácil. Mas e depois? Se o cara é agressor, estuprador, é só indiciar em inquérito e encaminhar pro Fórum. Isso a gente resolve no ato. Mas o grande problema é depois..."

#### SABRINA PARA ESPAIRECER

18:00 horas. Trinta pessoas na sala de espera. Hoje ninguém entra mais, mas essas 30 serão atendidas, possivelmente até as 22 horas.

Estamos de saída. Foi um longo dia. Rapidinho, sorridente, a dele-



Tanya Volpe

gada responde às últimas perguntas: "Minha terapia é ler meus livros da Sabrina, da Bianca, da Julia. Ver tudo cor-de-rosa. Isso quando eu consigo chegar em casa e ainda ler alguma coisa..." Na preparação para ser delegada "não tem psicologia não, é só a intuição mesmo, a personalidade... Adoro namorar, paquero, adoro viver, não tenho frustração nenhuma."

## Ladrão de galinhas vai para a cadeia assassino de mulher, não

O Grupo SOS Mulher/RJ publicou em junho o **Dossiê da Impunidade**, que denuncia 13 casos (nove assassinatos) ocorridos no Estado do Rio e nos quais o criminoso continua impune, na maioria das vezes graças à Lei Fleury, à cumplicidade da polícia e do judiciário e ao silêncio e apatia da sociedade.

Só em março deste ano foram assassinadas quatro mulheres em Campinas, SP. Em todos os casos o criminoso está foragido. Mani Alves, do SOS-Ação Mulher, analisa como a estrutura patriarcal da família e a organização social que exclui a participação da mulher na vida pública e política contribuem para a reprodução

da violência nas relações homem-mulher.

Os grupos de mulheres de Sta. Inês, interior do Maranhão, e de Lins, São Paulo, estão mobilizando a população em dois casos nos quais os meios de comunicação protegem escandalosamente os assassinos: em Sta. Inês, Maria de Fátima, muito jovem e grávida de dois meses, foi brutalmente assassinada pelo ex-companheiro, filho do vereador Paulo Afonso, influente político local. O assassino responde ao processo em liberdade, como o filho do ex-delegado de Lins, que assassinou com seis tiros a ex-mulher, num crime presenciado pela mãe e os dois filhos da vítima.

Em Alagoas a vereadora Katia Born, vice-presidente da Câmara Municipal de Maceió e líder da bancada do PMDB, corajosamente denuncia a violência através de um dossiê elaborado com base nos B.O.s de delegacias e pronto-socorros. O dossiê é um desfile de selvageria e impunidade: apenas em maio e junho de 85 foram mortas 61 mulheres e outras 239 foram vítimas de violências físicas e sexuais. Katia Born e os grupos de mulheres estão lutando pela criação de uma Delegacia Especial da Mulher, uma reivindicação que já é realidade em Goiás, onde o governador Iris Rezende assinou em setembro o decreto que cria a mais nova Delegacia da Mulher no Brasil.



Vítimas especiais da repressão argentina, as mulheres também foram as primeiras no protesto aberto à ditadura. Mães e avós ainda exigem apuração dos "desaparecimentos".

**N**a Argentina tudo foi clandestino: os seqüestros, as prisões, a tortura e o extermínio. Deliberadamente, as juntas militares "desapareciam" com as pessoas para apagar as marcas do genocídio. Mas a maioria dos que sobreviveram nos campos de detenção denunciaram o general Videla e os outros oito ex-comandantes: são as testemunhas que dia após dia, desde o 20 de abril e até o começo de agosto, passaram pelo estrado da Câmara Criminal dos Tribunais de Buenos Aires, onde são julgadas as juntas militares argentinas. Uma sala forrada de fina madeira na qual cinco juizes, um promotor solitário e uma dezena de advogados de defesa, jornalistas, público e convidados, configuramos, durante quatro meses, uma comunidade particular onde as lágrimas são reprimidas e os olhares perguntam o que os gestos e as palavras ocultam.

As testemunhas chegam, juram, se sentam e começam a falar: um desfile de crueldades atenuado apenas pela coragem dos que revivem seus sofrimentos para ajudar a reconstruir a vida dos campos de concentração e o destino final dos "desaparecidos" — essa tenebrosa invenção argentina.

#### Os testemunhos das mulheres comovem

Homens e mulheres foram torturados igualmente com o bastão elétrico, os golpes e o "submarino", uma sevcia que consistia em introduzir a cabeça do preso em tachos imensos de água suja. Numerados, às vezes sem celas, todos acorrentados, tinham os olhos tapados por uma venda de borracha ou pano. Na hora da morte, homens e mulheres foram fuzilados ou lançados ao mar de aviões ou helicópteros, com cimento nos pés. Sem dúvida,

## O terror sexual da ditadura argentina

Vinte e cinco por cento dos desaparecidos argentinos eram mulheres. Boa parte delas estavam grávidas na hora do seqüestro. É certo que não foram presas por serem mulheres mas, sem dúvida, na hora da tortura seus tormentos foram duplos: as violências, perversões sexuais e humilhações foram o pão de cada dia nas prisões e centros de detenção clandestinos da Argentina nos anos governados pelas juntas militares. Por esses nove ex-chefes militares que agora, e pela primeira vez nesse continente, estão sentados no banco dos réus.

Norma Morandini

as mulheres foram duplamente torturadas. Muitas foram obrigadas a testemunhar a agonia de seus filhos e maridos. Outras, forçadas a tornarem-se amantes de seus verdugos. As que foram seqüestradas grávidas, deram a luz a seus filhos em lugares infectos, sem nenhuma assistência, algemadas. Logo, tiravam-lhe os bebês recém-nascidos. (São mais de 200 as crianças desaparecidas.)

Os testemunhos das mulheres são os que mais comovem. Algumas falam horas e um silêncio monástico acentua ainda mais a dor, o esforço para evocar o inferno dos campos de detenção clandestinos.

Carmen Graciela Fiorani tem agora 30 anos. Delegada sindical, ela foi seqüestrada quando tinha 22 anos e era uma humilde empregada. Desquitada e com um filhinho de um ano. Sua voz é triste quando lembra:

"Me agarraram pelo braço e me jogaram num carro. Me vendaram os olhos. Me apalparam com armas e começou o manuseio. Me interrogaram num catre diante de meu filho para que eu 'falasse'."

"Me introduziram um pau na vagina e ameaçaram enfiar o mesmo pau no ânus. Eu chorava muito".

Cansada, como se seu relato pertencesse a outra pessoa, ela continua:

"Me puseram noutra sala onde havia três mulheres. Quando entrei achei que estavam me matando, era como se estivesse morta. Muitas vezes me levaram ao catre. Ai me despiam e passavam o bastão por todo o corpo. A noite me acordavam para lavar os pratos. Todas as noites vinha o grupo dos torturadores e nos exploravam o corpo com as armas. Uma noite, um deles me chamou. Tirou-me a venda e me disse: tens que esquecer tanto sofrimento. Vem, eu te farei gozar".

"No dia seguinte, um homem me jogou num carro. Eu tinha de novo os olhos vendados. Demos várias voltas. Com as mãos me fez tocar as armas que carregava no porta-luvas. Disse que tinha ordem de me matar, mas que podia trocar minha vida por um orgasmo oral no carro... Se eu preferisse me levaria a um motel".

"Bem, ele teve seu orgasmo, apontando-me sempre com a arma".

"Saímos. Me levou perto da casa onde estava meu filho e ali me deixou. Meu filho é tudo que tenho".

Carmen Fiorani esteve alojada na "Mansão Seré", velho casarão de fazenda usado pela Aeronáutica como centro de detenção clandestino.

#### O pudor masculino as violências sexuais

Elena Alfaro, outra sobrevivente, atualmente exilada na França, teve o mesmo destino. Alojada no campo "El Vesúvio", ela fora seqüestrada com seu marido quando tinha dois meses de gravidez. Elena foi obrigada a manter relações sexuais com o diretor dessa prisão clandestina. Um coronel que não se limitava à tortura e ao assassinato. Ele estuprava suas prisioneiras. Elena cita três casos concretos, além do seu. Lembra o caso de uma companheira, "Silvia, uma morena" que o militar obrigou a viver com ele e mais tarde entregou à "patota" (seus subalternos torturadores) para que a estupassem. "Na noite em que a mataram, entraram aos gritos: 'Você é a noiva do Chefe, agora vai conosco'. No dia seguinte, os torturadores se gabavam de ter tido relações com ela", narrou Elena. A jovem Silvia nunca apareceu.

A própria Elena deu à luz a sua filha durante o cativeiro e foi forçada a aceitar a "mórbida paternidade" de um dos militares que se ofereceu para padrinho de seu filho. O marido de Elena foi assassinado.

É provável que o pudor masculino tenha ocultado diante do Tribunal as violências sexuais padecidas pelos homens, como demonstrou o corpo destruído do quase menino Floreal Avellaneda. Com 14 anos, ele foi seqüestrado junto com sua mãe, no dia em que procuravam seu pai, um militante comunista que conseguira fugir. O menino apareceu morto nas mar-

gens uruguaias do Rio de Prata, na direção de Buenos Aires.

Iris, a mãe do adolescente, relata com choro na voz diante do Tribunal: "A sessão de torturas durou muito tempo. Acabaram por me desamarrar e me levaram até um pátio. Imediatamente ouvi a voz de meu filho que me suplicou desesperadamente: 'mamãe, por favor diz pra eles que papai escapou...' Depois voltou o silêncio, até que comecei a ouvir música e os gritos de meu filho submetido à tortura. Comecei a gritar e me fizeram calar com uma espécie de gás na boca, fortemente amarrada atrás com um cordão. Durante muito tempo fiquei escutando a música e os gritos de dor de meu filho. Depois, o silêncio aterrorizador..."

Ela própria, Iris, sofreu torturas físicas. "Me amarraram os braços sobre a cabeça e antes me abaixavam as calças e me subiam as roupas, jogando-me água e passando-me o bastão elétrico..."

Quando foi libertada, Iris decidiu ter outro filho que não pôde amamentar em função das sequelas deixadas pelo bastão elétrico nos seios.

#### Em julgamento, os preconceitos da sociedade argentina

As mulheres não inibem o choro, por isso seus relatos são os que mais comovem. Com a voz firme e trêmula, dia após dia, elas foram reconstruindo como um quebra-cabeças mórbido a vida nos porões das prisões argentinas. Por pudor, algumas relatam nas calçadas o que silenciaram no estrado. "Ah, esqueci de dizer que me violentaram", me disse uma jovem que esteve detida em "La Perla" (A Pérola), o mais terrível dos campos de concentração da província de Córdoba, a segunda do país.

Formalmente estão sendo julgados o general Videla e os outros oito ex-comandantes que governaram a Argentina entre 1976 e 1983. Sem dúvida, é a sociedade argentina que se estende nua, com todos os seus preconceitos à vista.

"Todas as psicólogas são putas", dizem os policiais a uma presa desta profissão.

"Você mantém relações sociais com o militar?" pergunta um dos advogados que defende os ex-chefes militares a uma testemunha que foi forçada a manter relações sexuais com o coronel que comandava o campo de concentração. (Como se fossem possíveis os vínculos sociais entre vítimas e verdugos.)

No próprio tribunal, as frases jurídicas, elípticas, as palavras com outras conotações, escondem o que as testemunhas mulheres nomearam com todas as letras. Os jornais reproduzem as denúncias das sobreviventes femininas, mas censuram o relato nu e cru dos vexames e das torturas sexuais.



## Ditadura brasileira não fica atrás no sadismo

Antes do fim do ano os nove ex-comandantes serão condenados. Como na Argentina não existe nenhuma figura jurídica que condene o genocídio e o extermínio massivo, eles serão castigados como se houvessem cometido delitos comuns. E esta foi a forma com que o presidente Alfonsín simplificou o julgamento do passado de violência na Argentina, em que as forças armadas combateram a subversão com os mesmos métodos que condenavam. Um julgamento jurídico para evitar um julgamento político, e a punição tão somente das cúpulas militares para evitar uma condenação generalizada das forças armadas.

#### O terror difícil de esquecer

De toda maneira, ainda que com o julgamento das juntas militares o governo pretenda colocar um ponto final na revisão daquele passado de horror e temor, quando as pessoas desapareciam na Argentina, será muito difícil esquecer o relato emocionado de Adriana Calvo de Laborde, uma física da Universidade de La Plata, seqüestrada junto com seu marido, que deu à luz a seu filho no acostamento de uma estrada com as mãos algemadas e os olhos vendados. Ela contou ao tribunal:

"Eu ia deitada no carro, os olhos vendados e as mãos amarradas atrás. Os policiais me diziam o tempo todo que estavam me levando a um hospital. Me insultavam. Eu lhes dizia: 'Meu filho vai nascer'. Eles riam muito, me diziam que tanto fazia, iam me matar. Matariam a criança".

"Eu não sei como consegui tirar a roupa de dentro para que nascesse. Iamos a toda velocidade. Eu lhes gritei: 'Já nasce... não agüento mais...' De fato nasceu meu bebê. Pararam no acostamento. Meu bebê nasceu bem. Era muito pequeninha, ficou pendurada no cordão umbilical. Caiu do assento, estava no chão. Eu lhes suplicava que a deixassem comigo. Com um pano sujo amarraram o cordão e continuamos a viagem".

"Havia passado três minutos. Meu bebê chorava. Eu continuava com as mãos atrás, com os olhos vendados. Não queriam me dar a neném. Eu estava nua, com meu bebê pendurado, cheia de sangue. Fazia muito frio, era de madrugada. Me mantiveram duas, três horas ali, com a minha neném chorando no chão e eu não podia fazer nada para recolhê-la. Nesse dia, senhor Juiz, prometi que, se meu bebê vivesse, iria lutar toda a vida para que se fizesse justiça".

"(...) que foi presa no dia 21.10.73, juntamente com seu filho menor Eduardo, de quatro anos de idade; que o motivo da prisão era que a interroganda desse o paradeiro de seu esposo; que, durante três dias, em Belo Horizonte, foi pressionada (para dizer) onde estava José Carlos, da seguinte maneira: que, se não falasse, seu filho seria jogado do segundo andar, e isso durou três dias, (...); que na última noite que seu filho passou consigo, já estava bastante traumatizado, pois ele não conseguia entender porque estava preso e pediu para ela, interroganda, para não dormir, para ver a hora que o soldado viria buscá-los; (...) ele não consegue entender o motivo do desaparecimento meu e de José Carlos; que o menino está traumatizado, com sentimento de abandono; (...)"

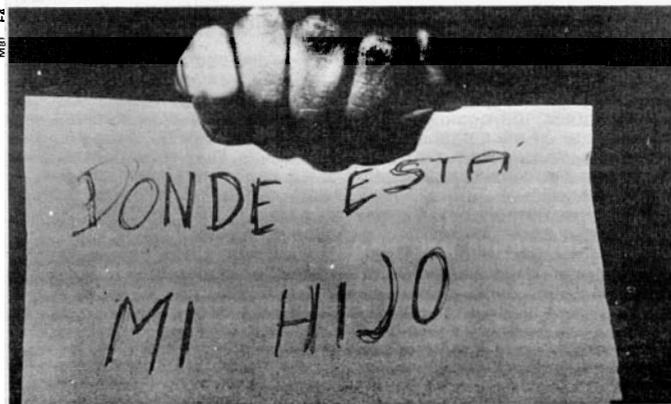
"(...) que a altas horas da noite foi levada à sua residência; que a porta foi arrombada e a depoente entrou acompanhada desses homens e, lá, foi novamente espancada; (...) que prenderam e espancaram o filho da depoente; (...)"

"(...) que, um dia, irromperam na 'geladeira', ela supõe que cinco homens, que a obrigaram a deitar-se, cada um deles a segurando de braços e pernas abertas; que, enquanto isso, um outro tentava introduzir um objeto de madeira em seu órgão genital; (...)"

Estes e muitos outros depoimentos publicados no livro **Brasil: Nunca Mais** deixam claro que a repressão política nos países do Cone Sul teve uma única matriz e que, entre outros horrores, expõem o sistema social misógeno em que é fundado.

Feitiço contra o feiticeiro: se a maternidade foi elemento de coação dos torturadores, dela também surgiram movimentos políticos contra a repressão, pela anistia, pela vida. Brasil, Argentina, Chile. Nunca mais!

**Brasil Nunca Mais**, prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns, Vozes, Petrópolis, 1985.



Convencidas de que há alguma coisa de profundamente irracional num mundo onde um míssil leva seis minutos para ir da Europa à União Soviética, enquanto a maioria das africanas têm que andar durante horas, diariamente, para suprir de água sua família, as mulheres estão decididas a alcançar a paz e preservar o planeta. Nosso país é o mundo, vivemos sob o mesmo céu: essa a certeza que tivemos durante aqueles dias na África.

# FORUM 85

## As mulheres decididas a conquistar a paz

Carmem Barroso

Entrevista a Inês Castilho

Nairóbi representou um grande avanço em termos de Conferências Internacionais promovidas pela ONU. Pela primeira vez nos dez anos da Década da Mulher, houve uma presença maciça de mulheres do Terceiro Mundo, e levamos nossas preocupações para o centro de discussão.

A forma de levarmos nossas questões mais urgentes também mudou muito. Levamos uma visão feminista dos problemas das mulheres, desde os mais pessoais até os mais amplos e tradicionalmente considerados exclusivos da área política, onde o feminismo não chegava.

Para se ter uma idéia do que foi esse avanço, basta lembrar o que foi a primeira Conferência da ONU, quando o feminismo ainda era considerado uma coisa muito negativa, tanto do ponto de vista político quanto pessoal. Ao chegarmos em 1975 no México, nós nos defrontamos com uma divisão. As feministas eram vistas como aquelas que estavam preocupadas exclusivamente com mudar a vida pessoal, sem ver as implicações que essas mudanças traziam para o campo político. E quem trazia as questões políticas eram as anti-feministas, dizendo que o feminismo era coisa de mulher burguesa.

Agora, dez anos depois, o feminismo é uma visão muito respeitada. Tão respeitada que está sendo cortejada por todo mundo, inclusive Fidel Castro, que mandou um avião fretado de Cuba levando para Nairóbi mulheres da América Latina. Reconhecendo a importância do movimento, ele se propõe a um diálogo, a troca de idéias e quem sabe a uma aliança.

Esse reconhecimento do movimento feminista, especialmente na América Latina, não veio facilmente. Veio através de dez anos de lutas, em que as mulheres expuseram gradativamente a sua importância.

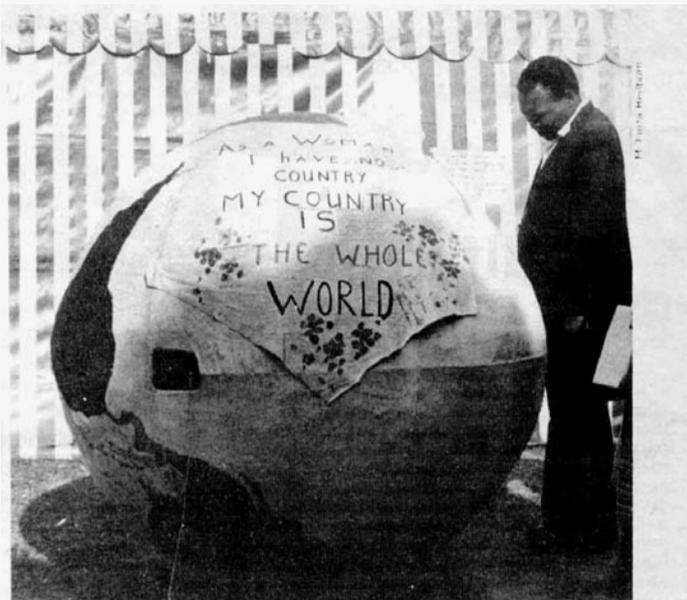
### O POLÍTICO TAMBÉM É PESSOAL

A ligação entre nossa vida pessoal e a política nacional e internacional, que ficou evidente em Nairóbi, já estava mais clara em 1980, na segunda Conferência da ONU, em Copenhague. Começava-se então a esboçar uma crítica feminista à ordem econômica internacional e ao armamentismo, tanto em países do Primeiro quanto do Terceiro Mundo. Porque a venda e compra de armas cresce assustadoramente em todos os países, e isso significa não só uma ameaça à paz, como também uma diversão de recursos, que poderiam por exemplo estar sendo aplicados em creches.

O que o Brasil vai fazer com a sua dívida externa afeta cada uma de nós. Temos que nos informar, saber quais são as alternativas possíveis, formar uma opinião e fazer com que nossa opinião seja respeitada também nessas áreas. Se nos organizarmos, se nos mobilizarmos, acho que podemos fazer transformações importantes neste país.

O movimento feminista pode tomar novo ímpeto a partir deste ano, porque tem mais legitimidade e apoio da comunidade internacional para fazer valer os compromissos que o Brasil assumiu lá fora. O governo brasileiro assinou recentemente a **Convenção pela Eliminação de toda a Discriminação contra a Mulher**(1), instrumento legal forte sobre o qual o Brasil tem que prestar contas anualmente à ONU, dizendo quais as medidas que tomou. Mas embora e tenha um peso moral significativo, esse compromisso só será cumprido se as mulheres se mobilizarem pela exigência do seu cumprimento.

**Carmem Barroso** é pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas, professora do Departamento de Ciências Sociais da USP e autora de livros sobre o Movimento Social e Estado no Brasil. Está em Nairóbi financiada pela Fundação Ford.



(1) Por absoluta falta de espaço, reservamos para o próximo número do **Mulherio** as informações sobre a Conferência Oficial da ONU, que ocorreu paralelamente ao Fórum Não-Governamental em Nairóbi.



M. Luiza Heilborn



Stephanie Hollmann/Forum 68

Todo meio-dia, sob uma árvore, Betty Friedan conversava sobre o futuro desta segunda etapa do feminismo.



## Sisterhood sai da infância

Mary Castro Garcia

Se no México e em Copenhague se defendia o princípio de que "o pessoal é político" e se defendia a visibilidade da identidade feminina — via reflexão dos condicionantes ideológicos da cultura de gênero, da divisão sexual do trabalho, de aspectos da reprodução, de significados diferenciados para homens e mulheres do viver o sexual —, já em Nairóbi se percebia sutilmente a perspectiva de alguns movimentos de mulheres por resgatar uma totalidade, a partir da identidade conquistada, recusando-se a ser "quetizadas" em novas casas, ou seja, tratando de "coisas da mulher" ou limitadas a agentes ou pacientes (em particular se mulheres de setores populares) de específicos "projetos de ação".

Estas mulheres, geralmente em movimentos de cunho socialista, reivindicam implicitamente o reconhecimento da mulher como ser social total, parte da humanidade, mas com uma identidade de gênero que se entrelaça a seus interesses como membro de uma determinada classe, de um determinado grupo racial, de um determinado grupo nacional-étnico-cultural, com determinada posição social nas relações de poder entre classes, grupos étnicos e nações.

Reivindicavam portanto o reconhecimento de que há mulheres e mulheres e que portanto há vários movimentos de mulheres que estarão juntos em relação a alguns temas, mas não em todos. Sai-se assim da ingenuidade lírica, se não instrumental para fins políticos de dominação que se interessam por camuflar conflitos, sugerida pelo princípio de que a irmandade entre mulheres é global ("sisterhood is global") para uma visão realista que possibilita trabalhos mais efetivos, baseando-se no respeito à diversidade e elaboração de alianças em relação a alguns temas, a exemplo dos que dizem respeito à paz.

Mary Garcia Castro é socióloga, fazendo doutoramento na Universidade da Flórida, EUA. Esteve em Nairóbi financiada pelo Conselho Mundial de Igrejas.

## As diferenças visíveis

Maria Luiza Heilborn

Nos verdes gramados da Universidade de Nairóbi, lado a lado, mulheres do Irã e do Iraque exibem cartazes e distribuem materiais sobre a guerra que dizima seus países. As mulheres de Zimbábue discorrem sobre desenvolvimento nacional e programas de apoio a pequenos produtores agrícolas; as japonesas pedem adesão aos abaixo-assinados contra a nuclearização do mundo; índias Comanche falam sobre a importância da mulher na preservação da cultura nativa. Um seminário discute, sob o título de "práticas tradicionais africanas", aquilo que o feminismo denomina de "mutilações sexuais".

A que servem esses exemplos? De um lado, podem parecer corroborar aquilo que a grande imprensa tratou de divulgar sobre a reunião: a dificuldade de consenso e a ingerência indevida (sic) da política internacional em um encontro de mulheres; de outro lado, negativamente acentuam o caráter complexo, multifacético, de um acontecimento que à primeira vista deveria convergir unívoco na definição de estratégias para o fortalecimento da participação feminina na esfera pública.

Se a política foi desde cedo evidente como demarcadora de diferenças e produtora de conflitos, a ela sobrepunha-se o tópico das posições divergentes sobre o que é legítimo ou não incluir numa agenda de mulheres. Dito de outra maneira, é o velho debate sobre o "específico" da condição feminina e das mil leituras e utilizações que ele pode permitir.

Mas o heterogêneo também se fez exprimir no modo como o evento acabou por enfatizar as identidades étnicas, nacionais, de classe ou ainda religiosas. A diversidade já detectada na pluralidade de

posições políticas, soma-se a da diferença cultural por excelência.

A simples experiência sensorial — a da visão — pode ser invocada em primeiro lugar para ilustrar o argumento. As 13 mil mulheres que circularam nas dependências do Fórum portavam em seus corpos os sinais expressivos da diferença: o sarí, o shador, o chapéu quechua, a calça jeans, as pastas executivas etc... Um mundo colorido de peles, cabelos e roupas. Essa imagem era usada ao lado da babel das línguas para exprimir o valor da reunião, positivo porque múltiplo.

### MATIZES DO SER FEMININO

O fato do Quênia ter sido escolhido como país sede acarretou a saudável circunstância de ter um contingente expressivo de mulheres africanas configurando uma presença maciça de representantes do Terceiro Mundo. Um comentário muito ouvido era o do contraste com a reunião de Copenhague em 1980. Era voz corrente entre as quatro mil norte-americanas de que as agências financiadoras levaram em conta o local do encontro e promoveram a ida de um número paritário de negras e brancas. Ironizando a reiterada solidariedade feminina, Glória Malcolm — viúva do líder negro Malcolm X — afirma que o feminismo americano é essencialmente "branco" e insiste em ignorar a questão da cor.

Outro exemplo: nos seminários que se dedicaram à migração e seus efeitos sobre as mulheres, explicita-se com raro vigor a temática da diferença cultural. Veja-se porque. A migração é uma espécie de fenômeno-síntese, onde uma série de variáveis atuam simulta-

neamente. A internacionalização da economia, quando incide sobre o item mão-de-obra, atinge primeiramente a população feminina. São as mulheres que mais migram e o fazem ora deslocando-se no interior de seus países ora abandonando suas fronteiras em busca de trabalho. Trabalho barato, a ausência de direitos e dificuldade para se organizar definem seu cotidiano.

Essas imagens alinhavadas dão a medida de como o encontro de Nairóbi serviu como um espaço de afirmação do específico, só que em outra dimensão, não aquela que se vê tradicionalmente colada à idéia de um específico por exclusão/oposição ao masculino. Estiveram sob intenso foco os matizes do ser feminino, suas múltiplas determinações, suas variadas identidades.

O exemplo das "mutilações sexuais" versus "práticas tradicionais africanas" emerge como outro campo de batalha. A disputa reflete o embate entre duas visões de mundo. De um lado o discurso feminista "ocidental" que elege as chamadas "mutilações" como emblemas da opressão feminina. Em contrapartida, mulheres africanas argumentam que antes de mais nada existe uma postura civilizatória e um tom etnocêntrico nesse discurso, que discrimina tais culturas como bárbaras.

Quando palestinas e israelenses se defrontam ou tentam esforços pela paz ou quando índias Comanche enaltecem o papel de reprodutoras da espécie e da cultura nativa e tais questões se revelam centrais para essas mulheres, o que se está afirmando em múltiplos planos são interpretações do que é ser mulher e/ou quando e onde essa identidade ocupa ou não o status de principal. O específico solapa o uniforme.

Em Nairóbi as diferenças étnicas, nacionais, culturais incidiram como uma luz sobre o prisma da condição feminina, fazendo-a refulgir em mil direções.

Maria Luiza Heilborn é antropóloga do Museu Nacional do Rio de Janeiro, coordenadora da coleção "Perspectivas Antropológicas da Mulher". Esteve em Nairóbi financiada pela Fundação Ford.

Depois do Encontro, cerca de 400 mulheres manifestaram-se na Praça da Sé, levando a público algumas das palavras mais pronunciadas em Bertioiga: solidariedade à Nicarágua, prazer, direitos, fim da violência sexual. Todas as nacionalidades latino-americanas foram citadas, inclusive a cubana, impedida de se fazer presente ao III Encontro porque não obteve a tempo do governo brasileiro o visto de entrada no país.



Tanya Volpe

TERCEIRO

# ENCANTRO

FEMINISTA LATINO-AMERICANO E DO CARIBE

Bertioiga não foi um Encontro a mais, foi uma vivência, escreve Adriana Santa Cruz (Mujer-ILET nº 50). Foram quatro dias de intensa convivência e uma multiplicidade de fatos. Mais de mil mulheres de quase toda a América Latina, cada uma percorrendo uma trajetória própria, inigualável, escolhendo dentre discussões, apresentação de trabalhos dos mais variados temas, oficinas, filmes, vídeos, áudio-visuais, além de papos, reuniões informais.

A maioria das brasileiras presentes demonstravam sua sacção de "latinitude", esboçando um portunhol com gostoso sotaque sulista, pernambucano, maranhense. Clair Castilhos, vereadora de Florianópolis, comparou o Encontro a "uma placentona onde se adquirem nutrientes".

Nomes foram lembrados, ausências. No meu melhor momento do Encontro — uma reunião de fósseis, todas aquelas com mais de dez anos de feminismo — as brasileiras lembramos Carmen da Silva, Julieta Kirkwood do Chile era também uma ausência com marcas.

Nessa reunião de fósseis lembrei de como foi difícil dizer-se feminista, como depois foi ficando fácil como depois foi ficando estreito, como depois os ismos foram postos em questão, mesmo esse o fêmeo, até o pacífico. Foram dez anos com histórias muito particulares, mas com pontos de identidade. (A uma certa altura, quando Lurdes da Nicarágua falava, muito positiva, comecei a chorar copiosamente, sem saber porquê. Do outro lado do grupo, uma baixinha morena também chorava. Nossos olhos se encontraram e eu entendi. Era um choro emocionado de alegria, da nossa capacidade de termos nos colocado como sujeitos históricos nesta década, de

termos certeza ali, naquele momento, sem baluartismos, que o movimento feminista cumpriu um papel que, se na Nicarágua hoje existe a rebeldia contra a subordinação feminina, isso se deve também ao movimento, feito por nós ali, por tantas outras.

## CONFLITOS NÃO DEBATIDOS

Nessa reunião expressaram-se conflitos entre militantes partidárias e as que consideram que a luta das mulheres não passa por instituições mistas, muito menos os partidos patriarcais e misógenos por natureza.

Foram muitos os conflitos do Encontro. Os contrastes, as diferenças (uma das palavras mais repetidas) foram muito mencionadas, mas não nomeadas e debatidas. Ficou claro que, como propunha o temário, há muitos feminismos, com percursos e formulações próprias, com linguagens específicas. O Encontro só justapôs, mas não debateu.

Pareceu, em muitos momentos, que tratar das questões sociais e do modo particular que as mulheres se inserem nelas, em cada contexto, era abdicar do feminismo. Isso por vezes dava um cansaço enorme, o de ver literalmente reproduzidas discussões que já aconteceram centenas de vezes e cujas protagonistas eram as feministas e as anti-feministas.

Seguramente um dos conflitos se expressou na proibição de acesso da imprensa ao Encontro. Em 1983, durante o II Encontro realizado no Peru a imprensa cobriu o evento como uma reunião libertina de "sapatões" ociosas e por aí afora. Querendo evitar o risco de uma repetição, a Comissão Organizadora fechou o Encontro à imprensa, sem levar em conta que hoje —

e isso é seguramente uma conquista do feminismo — há muitos órgãos de imprensa que tratam com seriedade os fatos das mulheres. Além do que, quando nos encontros de mulheres de todo o mundo, só se aceitam profissionais de imprensa mulheres, realiza-se a denúncia da discriminação feminina em certas atividades profissionais, tipo cinegrafistas. Aqui a proibição nem à denúncia serviu.

Esse fechamento à imprensa expressa, de alguma maneira, uma concepção de feminismo "puro", isolado, que atua dentro de si, que não se relaciona com outras instâncias sociais e que, portanto, não influencia, e nem se "contamina". Ingênua e defensiva, ela também não trabalha certos temas, tidos como tabus e que percorrem os bastidores.

Assim, se a imprensa nos chama de sapatões, não será o momento de assumirmos uma discussão — tão pertinente aliás, nesse momento de Aids-caça-às-bruxas — sobre as práticas sexuais, suas escolhas. De tratarmos, inclusive, de interesses diferenciados de mulheres com práticas heterossexuais e com práticas homossexuais? Se a imprensa diz que ficamos de papo para o ar, não é uma ótima oportunidade de reivindicarmos o direito ao ócio e metermos bronca nessa ética do trabalho?

## A NOVELA DO ÔNIBUS

O ônibus com 30 mulheres que permaneceu estacionado do lado de fora da colônia de férias onde se realizava o Encontro acabou sendo o único fato noticiado pela imprensa. Tratava-se de faveladas cariocas que, sabendo das regras do Encontro e da necessidade que havia de pagar a taxa de inscrição

para cobrir as despesas, conseguiram que o Lion's Clube lhes cedesse um ônibus e praticando uma política do fato consumado, chegaram à porta do Encontro e reivindicaram entrar sem pagar.

A Comissão Organizadora não deixou. E aí começou uma polêmica que se estendeu durante todo o Encontro. Informações e contra-informações circularam em todos os grupos, para desespero da maioria das de língua espanhola que não conseguiam entender o debate acalorado das brasileiras.

Se houve claramente manobra política na atitude das lideranças do ônibus que trataram de se comportar frente ao Encontro como se a Comissão Organizadora fosse um gabinete de prefeito, que o movimento popular pressiona com caravanas, por parte da Comissão houve uma rigidez inquebrantável que dificultou uma resolução do problema.

Muitas participantes do Encontro, sobretudo as negras, identificaram nessa atitude intransigente um viés de racismo. Muitas participantes foram até as faveladas fazer oficinas, prestar solidariedade e o Encontro acabou pontuado pelo fantasma do ônibus, metáfora dessa sociedade, das manobras políticas, da pobreza, dos desencontros.

Ethel Leon

**PS:** Este é um relato reduzido e, assim como minha trajetória no Encontro, provavelmente único, apesar de pontos de identidade com outras mulheres. Infelizmente, a Comissão Organizadora não quis escrever sobre o Encontro no Mulherio. E matérias pedidas para pessoas que discordaram com veemência da orientação do Encontro não nos chegaram até o fechamento desta edição. O debate também não aconteceu aqui.



Na guerra cai o véu da sujeição feminina  
Cena do filme *A Batalha de Argel de*

Pontecorvo



## A Argélia por trás do véu

O papel das mulheres, assim como o dos homens, na sociedade argelina, não é dissociável da religião muçulmana fundada nos princípios islâmicos. Normas de organização social dadas por Deus e transcritas no Corão ditam ao perfeito muçulmano sua conduta em todos os domínios sociais, fiscais, jurídicos, litúrgicos e sexuais. Mesmo havendo diferenças de interpretação nos diferentes países sob influência do islamismo, a condição feminina pouco se altera: de Marrocos à Malásia, da África Negra às Repúblicas Soviéticas que contornam o Cáspio, passando-se pela China e Oriente Próximo, o véu, a clausura, a poligamia, o casamento forçado, a virgindade publicamente demonstrada, a excisão do clitóris, a infibulação, o refúgio, são vividos pela grande maioria das mulheres muçulmanas.

Isabel Alexandre

**"Ó PROFETA, DIZ ÀS TUAS MULHERES, ÀS TUAS FILHAS, E ÀS MULHERES DOS CRENTES QUE SE GUARDEM NOS SEUS VÉUS. SERÁ O MEIO MAIS SEGURO DE SEREM RESPEITADAS".** (Corão, 33-59)

A Argélia ficou independente em 1962, após uma guerra de libertação de mais de sete anos (1954-62) contra o colonialismo francês, implantado desde 1830. Durante a colonização era atribuído às mulheres um papel de resistência passiva: elas deveriam fazer da família um refúgio onde os homens pudessem se voltar para os valores tradicionais, afastar a presença marcante do colonizador e buscar a força de se levantar contra ele. Para que as mulheres argelinas pudessem desempenhar esse papel, a condição impreterível residia em que elas fossem afastadas do olhar do "outro", que fossem enclausuradas em suas casas e se protegessem por trás do véu.

"Em resposta à ofensiva colonialista contra o véu, o colonizado instaura o culto ao véu", diz Franz Fanon, psiquiatra militante e crítico da revolução argelina, em seu "Sociologia de uma Revolução". Assim, a atitude das argelinas frente ao véu poderia ser interpretada como uma atitude global frente à ocupação estrangeira. Pode-se perguntar se, deste ponto de vista, a independência política realmente mudou a situação das mulheres: como no tempo da colonização, cabe-lhes agora a função de permitir à sociedade argelina resistir ao imperialismo cultural ocidental, de guardar sua identidade arabo-islâmica. Elas devem continuar a ser as guardiãs dos valores.

As mulheres argelinas que participaram da guerra de libertação não se preocuparam se estariam ou não "desequilibrando" a comunidade islâmica da Argélia. Tanto

na cidade como no campo, centenas delas, entre as quais muitas jovens de 12 a 15 anos que nunca haviam ousado levantar os olhos na presença de um homem, não hesitaram em tirar suas vestimentas tradicionais para se juntar aos resistentes. Elas alimentaram os guerrilheiros, prepararam as bombas, trabalharam como enfermeiras, pegaram em armas. Que foi feito dessas mulheres após a guerra de libertação nacional?

A guerra acabou, elas voltaram para dentro de suas casas: "As únicas vezes que me lembro das ruas livres foi no momento da independência. Cada vez que havia manifestações populares, a multidão individualista dos homens e de seus fantasmas sexuais desaparecia e a rua pertencia também às mulheres", diz uma argelina que reside atualmente no exterior. Na verdade, as mulheres só haviam sido engajadas na luta como indivíduos isolados e não enquanto força política coletiva e autônoma.

### MARCAS NO ROSTO

Na Argélia, as mulheres estão sempre submetidas às regras do direito muçulmano. Nenhuma lei civil garante que se fale dos direitos da mulher. As reformas "progressistas" em nada alteraram a noção de tutela incessante do homem sobre a mulher. Não só o direito religioso continua a tomar o lugar do direito civil, como tem por vezes se fortalecido.

O exemplo mais claro são os chamados *Frères Musulmans*, FM, organização "clandestina" que propõe um retorno radical aos princípios islâmicos, e que até há alguns anos tinha poucos simpatizantes na Argélia. Recrutando seus adeptos principalmente entre os jovens dos primeiros anos da universidade, esse movimento cresceu consideravelmente na década de 70. A manutenção das mu-

lheres no seu "status tradicional" é o ponto crucial de suas reivindicações.

Para tanto, os FM — que condenam, entre outras coisas, o ingresso das mulheres no ensino superior —, têm como prática mais usada introduzirem-se à noite nas universidades masculinas e procuram aqueles que estejam em companhia de mulheres: os rapazes são agredidos com barras de ferro; as mulheres marcadas no rosto com ácido, para que possam se diferenciar das "mulheres respeitáveis". Em 1979, a violência alcançou um nível tal que provocou o fechamento temporário do Instituto de Ciências Sociais de Argel.

Na Carta Nacional do país está afirmada a igualdade entre homens e mulheres. Tal afirmação é no mínimo gratuita, já que os FM não sofrem nenhuma condenação radical por parte do governo. Ao contrário, a tolerância com suas ações se justifica na medida em que, de certo modo, representam um equilíbrio de forças frente aos movimentos laicos.

### FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

Neste contexto de reforço aos valores islâmicos, aparece a questão do Código da Família, que rege todos os aspectos jurídicos da vida familiar e conseqüentemente das mulheres. Mesmo com as alterações que tem sofrido desde 1963, não é portador de melhorias na situação das mulheres, já que se baseia no direito muçulmano, para o qual uma mulher não existe senão enquanto filha, ou esposa e mãe — isto é, enquanto pertencente a um homem. "A validade do casamento depende do preço que o marido deve pagar por sua noiva e do consentimento do pai. É proibido à mulher contrair casamento sem o consentimento desse último", estipula a última versão do Código.

As mulheres quase não participam da vida social, e quando isso acontece, se dá ao nível institucional, no interior da UNFA — União Nacional de Mulheres Argelinas —, por exemplo. Seção feminina do partido único, esta organização está subordinada à política do poder. No IV Congresso da UNFA, em outubro de 78, o coronel Yahiaoui, membro do partido, deixou claro que "as preocupações da mulher contemporânea se exprimem através de reivindicações de liberdade, de igualdade de salários e no trabalho, assim como a discussão em comum de problemas tais como o divórcio, o casamento ou a participação na ação política. Esse gênero de preocupações, que prevalece no mundo capitalista, demonstram em realidade atitudes burguesas desprovidas de toda dimensão social e provenientes do individualismo e do egoísmo".

### SOCIALISMO?

Na Argélia, país que se reclama socialista, a reivindicação de liberdade feminina é considerada uma atitude burguesa "contra-revolucionária". A entrada do sexo feminino na indústria não é promovida (o país apresenta, em comparação com os outros países da África, uma das mais baixas taxas de atividade das mulheres e de "feminização" dos empregos). As mulheres não são consideradas ativas.

A independência argelina, que representou um papel tão importante na luta anti-colonialista dos povos afro-asiáticos, não provocou grandes perturbações no plano social e cultural. A "revolução argelina" permaneceu uma revolução nacional, que continua a apregoar o "socialismo", um socialismo que para ser definido precisa recorrer aos "ulemas" (teólogos) islâmicos.



## Irmãs na mira do Papa

“Quero contar-lhes algo e pedir-lhes solidariedade”. A irmã Caridad Irida, mexicana, mora nos Estados Unidos desde 1951. No ano passado ela e mais 23 freiras foram ameaçadas de expulsão da Igreja pelo Vaticano, “apenas porque pedimos o diálogo sobre a sexualidade e o aborto com a Igreja Institucional”.

Usando brincos, cabelo curtinho, 50 anos, Caridad coordenou durante dois anos o Conselho de Religiosas da Arquidiocese de Washington. Hoje ela dá consultoria a vários projetos, faz traduções e boletins. Certa de que no Encontro Feminista da América Latina conseguiria — como aliás conseguiu — muitas assinaturas para o abaixo-assinado em apoio às freiras que João Paulo II ameaça cassar. Caridad falou a MULHERIO sobre essa verdadeira revolução de mulheres no interior da Igreja Católica.

Ethel Leon

### Como surgiu essa ameaça do Vaticano contra você e contra as outras religiosas?

Tudo começou no ano passado, quando foi publicado um anúncio no New York Times pedindo diálogo dentro da Igreja—instituição sobre o aborto e outros problemas que afetam diretamente as mulheres. O Vaticano respondeu rapidamente, como se o anúncio fosse dirigido a ele e não ao grande público e respondeu considerando o anúncio como pró-aborto, lamentavelmente. Esse anúncio era assinado por 97 pessoas, dentre as quais 24 religiosas. O Vaticano expediu cartas às superiores das religiosas, para que ordenassem a reatuação das freiras. Ou então as freiras sofreriam as consequências: seriam expulsas da Ordem por desobediência.

Tentou-se dialogar imediatamente com o representante da Sagrada Congregação nos Estados Unidos, Pio Laghi. Mas o curioso é que Roma passou por cima da sua própria hierarquia: ignorou os bispos, ignorou seu representante diplomático, preferindo falar diretamente com as superiores. De toda maneira houve muita expressão de solidariedade nos Estados Unidos. É por isso, aliás, que nós fomos apenas ameaçadas, mas não expulsas da Igreja.

### “OS BISPOS FORAM A ROMA TENTAR A EXCOMUNHÃO DE GERALDINE FERRARO”

Você falou do anúncio para cá. Mas como é que começou esse movimento?

A história recente data da última campanha eleitoral quando Geraldine Ferraro, candidata a vice-presidente da República pelo Partido Democrata, optou pela posição de apoio à legalidade do aborto. Os bispos O'Connor e Laws, hoje cardeais, fizeram um trabalho político-partidário contra ela. Diz-se que foram várias vezes a Roma propondo a excomunhão de Ferraro.

Mas essa consciência da necessidade de mudança na Igreja começou por volta de 1967, 1968, quando Pio XII chamou as superiores e pediu-lhes que repensassem as ordens religiosas. Começaram então algumas mudanças: aboliu-se o hábito, descentralizou-se a congregação. Por exemplo, na minha congregação — **Humildade de Maria** — cada uma de nós tem a responsabilidade de ganhar a vida. Antes passávamos o mês de agosto reclusas e recebíamos um papel da madre onde se dizia para onde iríamos, o que faríamos. Tudo isso acabou. Permanecem as reuniões e algum nível de centralização, mas o que existe é muito mais oportunidades, muito mais aproximação com o mundo real, muito mais responsabilidade individual. As freiras têm que comprar suas coisas, pagar aluguel, pagar suas contas, ou seja, não vivem mais um mundo separado como o do convento. Assim sabemos enten-



der e servir melhor as pessoas. Muitas de nós optamos por trabalho mais especializado, somos profissionais. Eu, por exemplo, tenho mestrado em literatura latino-americana e em ciências políticas.

Tudo isso mudou muito a imagem da Igreja-instituição. Não somos mais a força de trabalho barata da Igreja. As escolas paroquiais fecham se não pagarem um salário justo às freiras.

### Essa iniciativa das religiosas americanas é o que vem ganhando o nome de Woman Church (Igreja da Mulher)?

Woman Church é um movimento mais amplo, não só de religiosas. Foram feitas duas grandes reuniões nos Estados Unidos, abertas a todas as mulheres e que tiveram uma presença muito grande das feministas. Todas as mulheres presentes tinham clareza de que a Igreja machista não pode ser uma instituição justa. A partir dessa no-

ção, começa-se a questionar muitos dos ritos e das regras da Igreja. Ou seja, acabando com os dogmas. Os dogmas não são divinos, foram criados pelos homens e, assim sendo, podem ser mudados.

Vários desses dogmas limitam extremamente a mulher. Por exemplo, ser sacerdote. Há mulheres que têm essa vocação e se sentem frustradas, já que têm todos os estudos, fizeram tudo que é necessário e não podem dar o passo seguinte, tudo por causa de uma regra que não tem nada de divina.

Eu conheço uma mulher que gostaria de ser bispo. Acho que quando se faz um questionamento mais geral desses dogmas, inaceitáveis pelo feminismo, até a obrigatoriedade do Papa ser homem pode ser questionada.

### “NÃO HÁ PORQUE FICAR SOB O PUNHO ROMANO”

#### Que futuro você vê nessas tradições com o Vaticano

Acho que o Vaticano é incapaz de ter uma resposta minimamente racional na discussão de temas como o aborto, contracepção. Já na época de Paulo VI foi nomeada uma comissão para tratar desses temas. A comissão, de uma 60 pessoas, concluiu que Roma deveria mudar sua posição. Paulo VI não mudou.

O que acontece então é que as religiosas estão querendo sair das Ordens vinculadas a Roma e fundando outras, independentes. Eu mesma, além de pertencer à minha Ordem tradicional, faço parte da **Sisters for Christian Community** (Irmãs para a Comunidade Cristã) que se estruturou de maneira completamente diferente, sem superiores, dirigida por um colegiado, num sistema horizontal. Não há porque ficarmos sob o punho romano. Eles não nos dão dinheiro... Há muito o que mudar. Algumas mulheres já vem reinterpretando a Bíblia, à luz do feminismo. E, na verdade, muitas interpretações da Bíblia são mesmo machistas.

#### Inclusive na Teologia da Libertação?

Inclusive. A Teologia da Libertação não vem tratando da mulher. Mas ela vem, sim, dando bases para que as mulheres reinterpretem suas próprias vidas. Não acho que esse seja um crime dos teólogos da Libertação. Apenas reflete sua evolução, seu contexto cultural. Uma vez perguntei a Gustavo Gutiérrez se ele trataria dos problemas das mulheres e ele disse que sim, que em seu escritório havia mulheres se ocupando do tema. Estamos esperando.



Virar de costas para o mundo laico não faz parte da nova vida das religiosas

Nair Benedito/14

## A feminilidade das religiões descoberta



É aqui no Brasil já aconteceu o Encontro sobre Produção Teológica Feminina. Foi em Petrópolis-RJ, no mês de junho e reuniu 30 mulheres católicas e quatro protestantes ligadas à produção teológica, ao trabalho pastoral e à formação em ciências sociais.

Entre outras coisas, as 34 religiosas constataram a contradição que existe na grande participação das mulheres na base da Igreja e em sua exclusão de instâncias de decisão.

A grande participação feminina abriria espaço para a construção de uma Igreja menos clerical e masculina. A própria concepção de Deus, vindo descolada de um Teísmo Cristão para uma idéia de Deus como família, o que vem dando bases para se repensar as

relações homem e mulher no interior da Igreja.

No Encontro ainda a constatação de que a Teologia da Libertação não desenvolveu reflexões suficientes sobre a ética sexual, de que as leituras correntes da Bíblia discriminam as mulheres e de que mesmo os movimentos feministas não vêm levando em conta o papel da religiosa.

Hoje surge um novo modelo de vida religiosa marcada por uma certa ruptura com o modelo tradicional. Neste novo modelo há uma redescoberta da feminilidade da religiosa, superando a antiga des-feminização que era introjetada pelo fato de uma certa concepção de feminino estar automaticamente associada ao pecado. Viva elas!



M. Luiza Heilsson

"Muitas mulheres muçulmanas pensam que o véu é islâmico. Não é verdade. Você encontra no Velho e no Novo Testamento versos e frases que dizem que os homens podem rezar sem cobrir a cabeça mas as mulheres devem cobri-la. A história de Adão e Eva explica essa filosofia: Adão foi criado a imagem de Deus, Eva criada a imagem de Sará. Ela é um corpo sem cabeça; quando se casou, seu marido deve ser sua cabeça. E por envolver-se de sua incompletude, ela deve se esconder. Essa é a filosofia do véu sobre as mulheres." (Nawwal El Saadawi, médica egípcia, no seminário A Crise Global Política, Econômica e Cultural, organizado pelo DAWN.)



## Protesto contra Vaticano

Mulheres católicas que participaram do Fórum Não-Governamental enviaram à delegação do Vaticano na Conferência oficial o seguinte documento:

"No Fórum 85, mulheres católicas romanas de todos os continentes participaram de seminários, diálogos e encontros informais para examinar os temas da Década da Mulher: igualdade, desenvolvimento e paz. Nesse processo, partilhámos a experiência comum de discriminação contra as mulheres em nossa Igreja. Estamos de acordo com relação aos seguintes pontos:

- A Igreja encoraja as mulheres a ocuparem seu lugar no mundo mas não na Igreja: não lhes é permitido pregar;
- As mulheres são excluídas da tomada de decisões, especialmente quando as questões as afetam diretamente;

• As teólogas não são convidadas a participar em igualdade com os homens em comissões teológicas;

• Nós, mulheres da Igreja, podemos falar por nós mesmas. É ofensivo que o chefe da delegação de nossa Igreja na Conferência da ONU para encerramento da Década da Mulher seja um homem.

• Pedimos que as mulheres sejam incluídas em igualdade com os homens no sínodo previsto para o próximo outono e o sínodo sobre o laicato marcado para 1987;

• Pedimos ao Vaticano que se junte às nações que já ratificaram a Declaração para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres. Pensamos que a omissão da Igreja Católica Romana na defesa dos direitos humanos das mulheres dentro de suas próprias estruturas e práticas desmoralizam o apelo da Igreja por justiça em nosso mundo." (Jornal Fórum 85, Nairóbi, 22/07/85)

## Reverendo o poder papal

A História das Ideias sobre o Aborto na Igreja Católica: uma Relação Desconhecida. Jane Hurst. Publicado por "Católicos pelo Direito à Escolha", Washington.

Esse pequeno ensaio traduzido do inglês para o espanhol pela irmã Caridad Irida (ver página 11) propõe uma nova teologia moral do aborto que leve em conta o momento da hominização (quando o feto se converte em ser humano, dotado de uma alma). Pede-se que as pessoas examinem em sua própria consciência qual o valor da vi-

da humana atual (da mãe) versus a vida humana em potência (o feto). Foi somente no final do século passado, com a centralização crescente do poder papal, que as diferentes correntes sobre o aborto que conviviam na Igreja Católica se sistematizaram numa posição única e inflexível.

E que os Católicos pelo Direito à Escolha se recusam a admitir como dogma, indicando às pessoas conscientes que sigam os ditames de sua consciência e não os ensinamentos da Igreja.

(Agostinha Zero Hashimoto)

## Irã: a feminilidade coberta



De um lado iranianas cobertas de negro, o aiatolá no peito, discursavam para uma pequena plateia sobre a liberdade das mulheres no Irã de Khomeini. De outro, iranianas vestidas à ocidental denunciavam a verdadeira situação das mulheres no país, filmadas por um homem a serviço do aiatolá. Foi nesse clima emocional de hostilidade que uma mulher já com alguns fios brancos nos cabelos negros, expressão afilada, falou sobre o resultado da revolução que libertou o Irã do regime do Xá, corrupto e servil aos interesses norte-americanos. Exilada na Inglaterra, ela não quis dar o nome por temer represálias.

### Como começou a repressão contra as mulheres, no Irã?

A revolução aconteceu e no dia seguinte a repressão começou, aumentando gradualmente. A repressão contra as mulheres foi a primeira. Começaram a pedir aos escritórios que exigissem das mulheres o uso do véu, e logo isso se tornou lei. Qualquer mulher que trabalhe, hoje, é obrigada a usar a vestimenta oficial.

### Vocês fizeram uma manifestação contra isso em 78, não é?

Sim, lutamos contra isso e continuamos lutando dentro do Irã durante quatro anos, e depois fora do Irã. Somos agora um grupo de ativistas trabalhando na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá. Estamos comprometidas apenas com os direitos democráticos das mulheres, não pertencemos a nenhum partido oficial. E é mais do que direitos democráticos: são direitos básicos, que as mulheres iranianas não têm.

### Dê alguns exemplos...

As mulheres não têm o direito de escolher seu marido. As mulheres não podem escolher o que vestir. As mulheres não podem escolher o que estudar.

Uma mulher não pode estudar ciência. Uma mulher não pode fazer medicina, exceto ginecologia — e isso porque os homens não podem tocar as mulheres. Uma mulher não pode ser advogada.

### O que uma mulher pode fazer?

O que eles querem é principalmente que ela volte para casa e cuide das crianças. Elas estão total e absolutamente à mercê dos homens. Se uma mulher quer viajar para fora do país, ela não pode ir sem o consentimento do marido. A mulher não tem o direito de custódia das crianças. Se o marido morre, as crianças não ficam com ela, mas com os pais do marido. Esses são direitos básicos de uma mulher, que não são respeitados no Irã — um país onde 70 por cento da população tem baixa escolaridade, e são em sua maioria islâmicos. Nós achamos que o governo não deve ser religioso. Não deve ter condições de impor ideologia e religião sobre o povo.

Há 120 mil prisioneiros políticos no Irã, muitos deles mulheres. Profissionais que se recusaram a usar o véu, mulheres que lutaram pelos direitos democráticos. Muitas são membros de organizações de mulheres que existiram no início da revolução, quando havia espaço e a gente podia respirar. Minhas duas melhores amigas foram mortas, torturadas, sob o Aiatolá. Mas não quero falar por mim mesma. Falo pelas mulheres iranianas, mesmo as ignorantes e analfabetas, que podem estar indiretamente apoiando esse regime, simplesmente por causa do sentimento religioso. O que não significa que aprovo o sistema. Sei de mulheres muçulmanas que, embora não sejam ativas politicamente, não concordam com o modo como o regime força o uso do véu.

As mulheres estão sendo empurradas para trás, basicamente para voltar ao lar e ficar completamente à mercê do marido. Esta é a crença do Islão. E não é apenas o Aiatolá, é o regime, baseado no capitalismo e com o apoio do ocidente.

### Como se deu a repressão em outras áreas?

Você não pode acreditar o que é a repressão, lá. As universidades foram fechadas durante os quatro anos seguintes à revolução. E quando reabriram, tudo estava mudado. Mulheres e homens são obrigados a estudar em classes separadas; professores foram afastados. E agora as universidades são dirigidas por pessoas do regime. Profissionalmente, não estão qualificadas. Mas, para elas, a coisa mais importante é impor sua ideologia ao povo.

### Como vocês vêem o futuro?

É uma pergunta difícil. Continuaremos nossa luta, dentro e fora do Irã, até que o regime caia um dia. Mas não podemos saber quando. Ele tem apoio do ocidente, tem dinheiro por causa do petróleo. O povo não tem poder nenhum. Vejam a guerra. A guerra tem sido encorajada pelo governo iraniano. Porque no momento em que acabar, o povo começará a se voltar para seus problemas. Agora, é levado a acreditar que não pode falar mal do país porque o Islão está em perigo. A guerra é uma manobra política. E o ocidente a apóia porque está vendendo armas e comprando petróleo mais barato. Os Estados Unidos, Inglaterra e os outros países ocidentais. Israel também, é claro. É uma forma de chamar a atenção para outra coisa, de forma a que os árabes não se envolvam na luta contra Israel.

Temos 2.500 km de fronteira com a União Soviética, daí ser muito conveniente para os países ocidentais ter um governo islâmico fundamentalista no Irã para matar todos os comunistas, todos os progressistas, de forma a ter uma espécie de barreira natural contra qualquer ideia que venha da União Soviética.

Por fundamentalista quero dizer que se coloca a religião acima de qualquer coisa, isto é, se você morre pelo Islão você vai para o céu. Não há necessidade de lutar pelo pão, se o Islão dá o alimento espiritual. Quem tem essa visão são principalmente os xiitas.

### Você falou que foi ameaçada, aqui, pelas delegadas iranianas. Como foi isso?

Elas nos chamaram de prostitutas, que é como se chama as mulheres que não usam véu, no Irã. Nos chamaram de escravas do imperialismo. E nos lutamos contra o imperialismo, por muitos anos.

Trabalhamos na área de educação. Deixei o país com minhas duas crianças e meu marido, fugindo ilegalmente pelas montanhas. Muitas das mulheres que você encontra, aqui, lutando pelos direitos democráticos das mulheres, foram ou professoras universitárias, ou estudantes, ou profissionais que tiveram suas vidas ameaçadas e deixaram tudo para trás para fugir por rotas ilegais. E a hipocrisia desse regime é que usa o slogan de anti-imperialista, ao mesmo tempo que compra armas delas. Somos contra o Xá. Fazemos questão de frisar isso. Somos contra qualquer tipo de repressão, somos por um governo democrático no Irã.

(Inês Castilho)

Organização Democrática das Mulheres Iranianas, D.O.I.W., c/o BM, P.O.Box 5990, Londres, WC1H 3xx. Para protestar contra a prisão de mulheres pelo governo do Irã, elas podem que se escreva para: The Committee for the Disappeared I.W.N., Commission for Human Rights, Palais Des Nations, Genebra CH 1211 Suíça.

## Angela Davis: fundamentalismo religioso cresce nos EUA

O fundamentalismo religioso foi também um dos temas de Angela Davis, na conferência coletiva à imprensa que deu no gramado da Universidade de Nairóbi:

"Tem havido, recentemente, um pronunciado crescimento das religiões fundamentalistas, que chamam as mulheres para o desempenho de um tipo de papel subordinado que temos desafiado através desta Conferência. Nos Estados Unidos, é

claro, Ronald Reagan vem se associando com essas tendências fundamentalistas, que argumentam por exemplo que não haveria tanto desemprego se as mulheres parassem de procurar trabalho. Se as crianças ficassem apenas em casa, onde é o seu lugar, na cozinha, com as crianças, então nosso problema de desemprego estaria resolvido.

O movimento pelos direitos reprodutivos das mulheres tem sido diretamente

afetado por essas tendências, que se esforçam para criar a impressão de que lutar pelo aborto é lutar pelo assassinato de crianças. As crianças têm sido assassinadas em todo lugar. As crianças têm sido assassinadas pela fome ou porque os fundos que antes eram dirigidos para prover alimento para elas têm sido desviados para programas tais como o Guerra nas Estrelas".

(I.C.)



## Unidos contra o apartheid

Inúmeros manifestantes de todo o mundo têm se solidarizado com o povo da África do Sul. No Brasil, assistimos nos últimos meses a vários movimentos pelos rompimento de relações diplomáticas com o governo racista de Botha. Em Nairóbi, uma parlamentar da Finlândia contou sobre um grupo de parlamentares de 20 países ocidentais que vêm pressionando seus governos para aplicar sanções econômicas e isolar politicamente o regime sul-africano. E a militante negra Angela Davis (foto à esquerda) falou sobre um crescente movimento de estudantes e trabalhadores nos Estados Unidos.

Seguente Polymart-Forum



Thasson/Laifson/Gamma/Glia

"Nos Estados Unidos tem havido uma tremenda explosão de manifestações de solidariedade a nossas irmãs e irmãos que estão lutando por sua liberdade na África do Sul. Penso que é importante reconhecer que essa luta está sendo levada há muito tempo. Na verdade, quando eu era criança, a cidade onde eu cresci — Bermen, no Alabama — costumava ser chamada "a Johannesburgo do sul". E ainda me vejo pensando que se aquele povo era mais mal tratado na África do Sul do que no Alabama, deveria estar realmente sofrendo. Mas claro, tem havido grupos que vêm expressando sua solidariedade a Nelson Mandela, Winnie

Mandela e todos aqueles que têm lutado na África do Sul durante muitos e muitos anos. E, como nós sabemos, esse movimento vem acontecendo por décadas e décadas e décadas.

No entanto, este é um momento especial. Especial porque a luta na África do Sul atingiu um ápice sem precedente histórico. E em resposta a ela, os trabalhadores, tanto homens quanto mulheres, estudantes, grupos, comunidades e entidades religiosas dos Estados Unidos estão aderindo para garantir que o momento da vitória seja conquistado.

Penso que o importante sobre

essa luta é que ela tem tido uma grande participação do movimento dos trabalhadores. Na área da baía do São Francisco, onde vivo, o movimento pela liberdade na África do Sul foi potencializado quando, em novembro do ano passado, os portuários se recusaram a descarregar um navio que veio da África do Sul. O movimento foi iniciado por estudantes de toda a área da baía, se espalhou pela costa oeste e por todo o país. Os estudantes fizeram protestos, ocuparam edifícios, renomearam praças públicas. Na universidade de Berkeley, na Califórnia, a principal praça é hoje chamada Nelson Mandela.

Em maio último, quando os estu-

dantes fizeram um tremendo movimento, 600 trabalhadores do porto de todo o país fizeram um encontro e marcharam no campus da universidade para estender sua solidariedade aos estudantes. E isso é uma coisa muito significativa para as lutas nos Estados Unidos: ambos, estudantes e trabalhadores, se darem as mãos. Penso que esse é o começo, não apenas de um movimento em solidariedade à África do Sul mais forte do que nunca, mas também de um desafio ao reaganismo. O acender de luzes que talvez nunca tenha sido vistas nos Estados Unidos da América."

(I.C.)

## Quantas anônimas guerreiras brasileiras



Em Bertioga o racismo foi discutido, significativamente no alojamento Luisa Mahim — uma das principais organizadoras da Revolta dos Malês contra a discriminação racial (Bahia, 1875). Significativamente também, dos grupos que discutiram racismo saíram palavras de solidariedade aos empregados da Colônia de onde se realizava o Encontro.

Luisa, do Movimento Negro Unificado da Bahia, falou séria, emocionada na plenária final do III Encontro: "Como mulheres negras aprendemos com o feminismo, levando em conta nossa especificidade étnica. Não podemos esquecer que a grande maioria das mulheres na América Latina e no Caribe não são brancas e têm, portanto, uma forma muito especial de inserção na sociedade."

Em seguida, a mais linda cena da plenária. Mulheres do Coletivo

de Mulheres Negras de São Paulo, do Movimento Negro Unificado, do Agbara Dudu e do Coletivo Nzinga, do Rio de Janeiro, além de mulheres do Sindicato dos Enfermeiros e dos Publicitários do Rio, apresentaram uma canção como mensagem final ao Encontro, com um pouco da história de resistência da mulher negra. O refrão era assim: "África liberta em suas trincheiras/ Quantas anônimas guerreiras brasileiras."

## Democracia racial?



Léia Gonzalez, professora da PUC/RJ, e Diva Moreira, de Minas Gerais, falaram em Nairóbi

no painel "Impacto da Crise sobre a Mulher Negra".

"No Brasil, a maioria das mulheres negras têm uma vivência extremamente negativa de sua raça e percebem suas características como degradantes. Tentam dissimulá-las em busca de aceitação social", disse Diva Moreira para uma platéia onde predominavam as latino-americanas. "Com maquiagem elas tentam atenuar sua cor, reduzir o tamanho do nariz e da boca. Os valores brancos dominantes as impedem de desenvolver sua própria identidade racial."

Esta é a ideologia do embranquecimento, como falou Léia Gonzalez no mesmo seminário. "Embora a noção de democracia racial funcione em meu país, nos níveis públicos e oficiais, ao nível privado se afirma: uma branca pa-

ra casar, uma mulata para fazer amor e uma negra para trabalhar", disse Léia, sintetizando o racismo brasileiro. Que, em São Paulo, tem agora um novo instrumento de luta: a **Sub Comissão do Negro da Comissão de Direitos Humanos da OAB/SP**.

Criada no início do ano sob a coordenação do advogado José Venerando da Silveira, já deu entrada a alguns processos por racismo, como é o caso do restaurante Bacalhau do Porto, do Bar 96, do Studio Night Club e da boate TaMatete. Outros casos envolvem o 13º Batalhão da PM e o Instituto Cultural Antonio Vivaldi. O endereço para denúncias é: Páteo do Colégio n.º 3, tel. 239-5122, ramal 56.

OIM-IPS/I.C.



Chavasson/Gamma Liaison/Spiga

# Terrorismo branco atinge mulheres e crianças

Inês Castilho

A discriminação contra a comunidade negra brasileira foi uma das inúmeras denúncias de racismo realizadas no Fórum Não-Governamental de Nairobi, cujos olhos se voltaram com especial emoção para o sul da África — onde o terror racista é a base do regime político.

Num seminário realizado na Tenda da Paz, as mulheres da África do Sul e da Namíbia denunciaram os horrores praticados pelo governo racista de Botha, que vem se militarizando absurdamente com a ajuda de países como Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e principalmente Israel, que manda voluntários para lutar com as tropas sul-africanas juntamente com — imaginem quem! — o Chile de Pinochet.

Aqui, o depoimento de Rita, militante do ANC (Congresso Nacional Africano), feito em voz profunda e pausada depois de cantar, com quatro companheiras, Olixaxa Mandela — uma canção bela e emocionante.

Caras amigas, falando para vocês nesta tarde eu gostaria de olhar para a posição das mulheres da região sul da África, em particular da África do Sul e da Namíbia, no contexto dos slogans da Década da Mulher: igualdade, desenvolvimento e paz. É inconcebível falar em igualdade, em desenvolvimento e muito menos em paz, numa sociedade em que a posição das mulheres é determinada pela cor de sua pele.

Os últimos dez anos viram a intensificação da política do "apartheid", mais do que em qualquer outro tempo, desde que o regime racista chegou ao poder. As mulheres da África do Sul têm testemunhado mais prisões e a intensificação de todas as leis repressivas, como o sistema de trabalho migratório, que nega a elas os seus direitos humanos mais básicos: o direito de viver com seus maridos, o direito de criar suas

crianças, o direito de ter uma vida familiar decente.

Temos visto o aumento da remoção forçada do nosso povo. Três milhões e meio de pessoas foram removidas da África do Sul e um milhão e meio estão para ser removidas. Nosso povo tem encarado essa legislação repugnante como uma política genocida, porque essas remoções têm exterminado o povo africano pela fome. Porque quando nosso povo é removido de lugares que tem ocupado por décadas, não se prevê que haja nesses lugares casas, hospitais, comércio, clínicas. Eles são jogados em pedaços de terra onde a única acomodação que podem ter são pequenas tendas, e mais cedo ou mais tarde há a irrupção de uma doença epidêmica. Tomo como exemplo o campo de remoção chamado Onforbacht, onde em quatro anos de existência 45 mil pessoas morreram — e 60 por cento dessas

pessoas eram crianças. Esse é o tipo de vida que nosso povo está vivendo nos babustões ou campos de concentração.

Nossas crianças morrem de desnutrição, de tuberculose e de coqueluche, num país que é o mais desenvolvido do hemisfério sul. Nosso povo tem testemunhado uma repressão que se choca diariamente contra as mulheres, no campo, onde elas vêm seu trabalho ser destruído e são presas com suas crianças de um a três anos. Apenas no ano passado, mais de três mil crianças foram para a cadeia com suas mães.

Temos visto a detenção, a tortura e o exílio de nossas mulheres. Winnie Mandela continua a viver longe de sua casa, no exílio. Temos mulheres presas, cumprindo penas de cinco a dez anos, por suas convicções políticas, como nossa líder Albertina Sisulu, ameaçada com a pena de morte.

## A REPRESSÃO AUMENTOU

O começo da Década testemunhou o massacre de 600 de nossos estudantes, jovens, em Soweto, em 1976. E o fechamento da Década está testemunhando o massacre de nosso povo desde setembro do ano passado, quando resistimos à nova Constituição, que não reforma, mas intensifica o "apartheid".

Nosso povo está sendo massacrado diariamente. Diariamente

nossas mulheres e crianças são mortas a sangue frio. Somos acusados de terroristas, mas pensamos: como podemos ser chamados de terroristas, se estamos lutando por uma causa justa? A luta armada foi imposta sobre o ANC, o Congresso Nacional Africano. Por mais de 50 anos estivemos levando uma luta não-violenta, até que o regime decidiu banir nossa organização. E então não tivemos alternativa senão ir para a clandestinidade e partir para a luta armada.

E pensamos: quem são os verdadeiros terroristas? Vocês não diriam que o assassinato diário de nosso povo é terrorismo? Vocês não diriam que o assassinato de gente inocente nas fronteiras com Angola, Namíbia, Moçambique, Lesoto e Botswana é terrorismo?

Forças reacionárias têm falado muito alto sobre o terrorismo internacional e a necessidade de lutar contra ele. Penso que isso é uma injustiça, porque na verdade as armas dessas forças estão se voltando contra si mesmas. Temos testemunhado o terrorismo exercido pelo regime racista contra o povo da África do Sul. Temos testemunhado o terrorismo contra o povo do Oriente Médio pelo sionismo de Israel. Temos testemunhado o terrorismo contra o povo da pequena ilha de Granada. O povo da Nicarágua está sendo ameaçado diariamente. E isso não é terrorismo?

(African National Congress: P.O. Box 31791 Lusaka-Zâmbia)



## Migrantes no próprio país

As principais vítimas do regime político de "apartheid" são as mulheres. É o que revela Mary Garcia Castro, em artigo especial para *Mulherio*. Nele, Mary ressalta a integração entre feminismo e liberação nacional que marcou o Fórum de Nairobi, e pergunta: "Estas mulheres que lutam contra o 'apartheid' estão lutando com temas políticos ou temas da mulher?"

As mulheres da África do Sul, de organizações que lutam contra o "apartheid", como SWAPO e a ANC (African National Congress) bem ilustram o discurso articulador, a perspectiva integral manejada por mulheres em movimentos de liberação nacional e pelo socialismo. Segundo Tsendie Rankoe da ANC: "Para conseguir um trabalho, homens e mulheres têm que

ter um livro de passe, mas as mulheres têm que também ter um cartão que certifique sua participação em um programa de planejamento familiar do governo... Com este cartão, a mulher pode ser levada pelo empregador para tomar por três meses injeções de contraceptivos DepoProvera, uma droga que já foi banida em países desenvolvidos. Se a mulher se recusa a tomar o anticoncepcivo perde o emprego e tem que se retirar da cidade e

voltar para a sua aldeia rural, onde não há alternativas de trabalho." (Jornal Forum 85)

No painel que coordenei sobre "Mulher e Migração: Auto-Organização e Movimentos de Solidariedade", Margret Nhlapo, organizadora da SADWA (Associação de Trabalhadoras Domésticas Sul-africanas) denunciou que em Pretória o contrato de trabalho de uma trabalhadora doméstica é por um

ano e a quebra do contrato por parte da trabalhadora significa deportação. Segundo Margret: "A trabalhadora doméstica não pode dormir com seu marido sem permissão do empregador; se o empregador não permite que o marido visite a mulher no emprego, ela não pode estar com ele, já que o marido fica em um alojamento de trabalhadores migrantes onde não se permite também a entrada de esposas."

# Direita odeia nossos bebês

Contraceção, esterilização, excisão do clitóris e políticas demográficas foram temas debatidos em várias oficinas sobre saúde do Fórum. A ação das mulheres de todo o mundo nessa área encontram poderosos inimigos. Dentre eles, certamente, a extrema-direita norte-americana.

Sonia Correia

Em Nairóbi não foram muitos os eventos organizados por grupos que vêm trabalhando a questão da saúde numa perspectiva feminista. Estavam presentes e ativos os organismos antinatalistas. Mais atuantes ainda, os anti-aborcionistas americanos se manifestavam nas diferentes atividades do Fórum e compunham um lobby atuando na Conferência Governamental.

Ao longo dos primeiros dias prevaleceram atividades mais "institucionais" como o curso sobre métodos anticoncepcionais oferecido pela Associação Queniana de Planejamento Familiar. Realizaram-se alguns seminários sob a coordenação da Organização Mundial de Saúde e proliferaram workshops sobre saúde nutricional, muitos específicos sobre a África.

As atividades dos grupos feministas que trabalham com saúde da mulher estiveram concentradas na última semana do Fórum. Embora não tivessem sido numerosas, elas permitiram aos grupos que trabalham na área marcar sua presença, além de estabelecer estratégias. workshops sobre mutilações sexuais na África, direitos reprodutivos, a rede Mulher e Saúde na América Latina e o Encontro da International Women's Health Network (Rede Internacional de Saúde da Mulher) foram os acontecimentos mais importantes.

## ANTI-ABORCIONISMO

No último dia do Fórum, chegando ao gramado do campus, vi um enorme grupo reunido. Nele, vários rostos conhecidos: Carmem Barroso, Romy Medeiros, Ana Maria, Te-

resa, Olga, Gloria, Joan Dunlop e outras. Mulheres que trabalham com saúde em diferentes lugares do planeta redigiam um documento contra o Right to Life Movement (Movimento pelo Direito à Vida) para ser levado à Conferência Oficial. O texto enfatizava a idéia do acesso à contraceção e ao aborto enquanto direitos inalienáveis das mulheres.

Ao longo dos dez dias do Fórum ficou evidente que os anti-aborcionistas americanos — que bombardeavam clínicas de aborto nos Esta-

dos Unidos e já conseguiram limitar sua prática legalizada — estão usando uma nova estratégia. Eles recuperaram as informações e evidências acumuladas pelo movimento de mulheres nos últimos anos, sobre os efeitos nocivos das drogas e técnicas contraceptivas. Com esses dados estão pressionando o governo Reagan para retirar todo o financiamento americano às ações de planejamento familiar no Terceiro Mundo, afirmando que elas correspondem a um "genocídio".

Ou seja, os anti-aborcionistas estão revertendo o trabalho das mulheres contra as próprias mulheres. O fim de financiamentos afetaria as condições de acesso à contraceção entre as mulheres pobres, reforçando a tendência à esterilização como método preferencial. Isso porque, ao que parece, a rede de esterilização já está devidamente montada em todas as regiões em que as taxas de crescimento demográfico assustam os conservadores americanos.



## Essas drogas são uma droga

O movimento internacional de saúde da mulher tem feito um imenso trabalho de pesquisa e denúncia com relação a drogas e dispositivos utilizados como contraceptivos que têm efeitos danosos sobre a saúde. Fazem parte da lista o DES (diethylbestrol) e as drogas chamadas EP, que são combinados de estrógenos e progestágenos de alta dosagem.

Na reunião da rede de saúde latino-americana em Nairóbi estavam presentes militantes de campanhas internacionais que atuam para retirar esses produtos do mercado e conseguir indenização às mulheres que os utilizaram.

O DES é uma droga com base em estrógeno sintético que foi utilizado como anti-abortivo nos Estados Unidos nas décadas de 40 e 50. Alguns anos depois ela voltou ao mercado na França como contraceptivo do dia seguinte. Seu efeito ocorre nos filhos e filhas das mães que, grávidas, os utiliza-

ram. As meninas podem ter uma esterilidade (útero bi-corno) ou ainda, na adolescência, terem um câncer raro, o adeno-carcinoma vaginal de célula clara, doença que só ocorre em mulheres idosas. Os filhos podem ter problemas na próstata ou nos epidídimos (parte dos testículos que intervêm na produção de espermatozóide).

As drogas EP são aquelas injeções que todas nós conhecemos. São tomadas quando a menstruação atrasa, usadas como teste de gravidez e também como abortivos na forma de "coquetéis" vendidos nas farmácias.

O grupo WEMOS conseguiu evidências científicas de que as drogas EP causam má formação nos bebês das mães que as utilizam. Uma das conseqüências pode ser lábio leporino. Uma mulher grávida que tenta abortar usando as "injeções" pode ter uma criança defeituosa. Da lista fornecida pela HAY, rede internacional de pesquisa e

denúncia dos abusos farmacêuticos, com os nomes de mercado das EPs, identificamos algumas à venda nas farmácias brasileiras. São elas: Farlutal Depot, Gynaecoid Premarim, Primolut Depot, Primolut N, Progestin, Progynon, Provera.

Se você sabe da existência da DES no mercado ou conhece alguma jovem acometida de adeno-carcinoma de vagina, escreva ao SOS Corpo e também ao DES-Action. E se você quiser colaborar levantando dados sobre as drogas EP, escreva para o SOS-Corpo e para WEMOS HAY. (S.C.)

Endereços: **SOS-Corpo**  
Rua do Hospício, 859 - 4º andar.  
Recife, PE 50.000.  
**DES ACTION** — 2845 24th  
Street, San Francisco,  
California 94110 - E.U.A.  
**WEMOS HAY**  
PO BOX 4098  
1009 AB Amsterdã, Holanda





Patricia Lindo

## Nicarágua: o feminismo na Revolução Sandinista



Maria de Lourdes Ortega

**N**a Nicarágua as mulheres estão lutando no front como os homens?

O que existe hoje na Nicarágua é o serviço militar obrigatório para os homens e voluntário para as mulheres. Esse foi o resultado de uma ampla discussão onde percebemos que algumas mulheres estão dispostas a lutar, outras não. Houve uma grande polêmica, porque havia dirigentes que diziam que as mulheres não tinham força física para manejar canhões, tanques. Além do que eles argumentavam que era muito difícil criar instalações próprias para as mulheres. Que instalações? — perguntávamos. Isso aconteceu numa reunião de mil mulheres com comandantes militares. Por que é preciso ter lugares diferentes para dormir? E os militares, com muito moralismo, diziam que era preciso separar homens e mulheres. sim.

Nós acabamos concordando, porque percebemos que quando homens e mulheres se juntam, o ambiente tende a relaxar e não se pode ficar relaxado numa frente de batalha. E preciso estar muito atento para não receber uma bala!

Antes do serviço militar patriótico voluntário, já existiam os batalhões de reserva, masculinos e femininos. E há ainda muitas jovens comprometidas no trabalho de guerra — trabalho sanitário, cozinha... E, quando há combate, elas saem da cozinha com um fuzil. Porque uma coisa que nós ainda não conseguimos é que os homens cozinhem!

Somos também 40, 50 por cento das milícias de defesa das cidades. Apesar de não ser um trabalho armado, é uma tarefa de defesa, realizada durante a noite.

Temos muitas mulheres que se destacaram em missões militares. Dentre elas a Comandante Doris Tijerino, vice-ministra do Interior e chefe da Polícia Nacional.

Já houve situações no mundo em que as mulheres lutaram em igualdade de condições com os homens e, acabada a guerra, foram relegadas a um segundo plano. Vocês acham que isso pode acontecer com vocês?

Estamos muito preocupadas

“ Podem modificar-se as estruturas antropológicas tradicionais, onde continua o machismo não só tropical, mas latino-americano em seu conjunto?” pergunta Julio Cortázar em seu livro *Nicarágua Tan Violentamente Dulce*.

As nicaraguenses Patricia Lindo e Maria de Lourdes Ortega respondem NAO. Lourdes é advogada, diretora da Oficina Legal de la Mujer, onde se presta assistência jurídica às mulheres e onde se pesquisam as violências específicas cometidas contra elas. Patricia faz parte da direção executiva da AMNLAE - Associação de Mulheres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinosa.

No encontro de Bertioga as duas participaram de vários debates sobre a Nicarágua, enfatizando sempre a articulação da luta sandinista com o combate à dominação feminina.

Doces e muito divertidas, as *nicas* deixaram saudades. Que aproveito para matar um pouco aqui, reproduzindo parte de uma reunião muito concorrida que aconteceu no Encontro sobre a situação da mulher na Nicarágua. E lembrando de uma canção de Silvio Rodriguez: “Andara Nicarágua/Su camino de glória/ Porque fue sangre sabia/La que hizo su história/”. (Ethel Leon)

com isso. Não vamos admitir nos submeter a um segundo lugar. Por exemplo, no Norte da Nicarágua as mulheres estão trabalhando a terra com tratores. Quando os homens voltam da frente de batalha, eles sempre querem tomar o trator das mulheres e elas respondem: “Alto lá, esse trator é tão meu quanto teu. Vamos revezar: na segunda-feira você trabalha com o trator, na terça sou eu...”

Temos a noção de que a Frente Sandinista é nossa aliada estratégica. Afinal ela formulou faz 25

anos em seu programa a luta pela emancipação da mulher.

Quais foram as vitórias das mulheres depois do triunfo da Revolução?

Dias depois do triunfo foi sancionada uma lei proibindo a utilização do corpo da mulher em publicidade. Isso para nós teve um enorme significado, já que era uma bandeira de luta que a AMPRONAC — Associação de Mulheres diante da Problemática Nacional — organização anterior à Revolução, vinha agitando em todo o país.



Apoio internacional a Nicaragua aparece também nos programas para mulheres

Duas grandes vitórias legais foram as leis de relações e de alimentos. A lei de relações aboliu o pátrio poder e estabeleceu igualdade de direitos e deveres da mãe e do pai com relação aos filhos. Essa lei foi discutida em todo o país, chegou ao Conselho de Estado e ficou claro que os pais e as mães são responsáveis pela manutenção dos filhos — contribuindo seja em dinheiro, seja em espécie. Foi a primeira vez que se reconheceu, portanto, o valor do trabalho doméstico, realizado pelas mulheres.

Existem programas específicos para a prostituição?

Infelizmente existe ainda na Nicarágua uma lei que proíbe a prostituição. Eu digo infelizmente, porque a prostituição é uma questão social, não se resolve por decreto. E a polícia, querendo cumprir a lei, fica prendendo as prostitutas na rua. Temos que organizar frequentemente discussões com os policiais, no sentido de que não reprimam as companheiras prostitutas. O que acontece é que os policiais são convocados para a guerra, chegam novos policiais e nós temos que discutir tudo de novo. Existem três programas de recuperação de prostitutas. Um deles é em Corinto, onde as companheiras prostitutas já têm auto-gestão de seu trabalho. Existem programas em León e em Manágua. Elas se alfabetizam e se profissionalizam, aprendendo coisas muito práticas.

Como vem se manifestando a solidariedade internacional das mulheres?

As européias vêm ajudando muito. Ajudaram a formar a Oficina Legal. As dominicanas e venezuelanas publicam materiais de que precisamos. As norte-americanas organizaram um projeto que se chama MADRE “Unindo as mãos e os corações do Centro Americano”. Elas estão ajudando o Hospital da Mulher, que é tão pobre quanto os outros da Nicarágua, onde às vezes duas mulheres têm que ficar na mesma cama antes de dar à luz! Mas as americanas nos deram condições de um atendimento ginecológico às mulheres — doamos remédios, um ambulatório, contraceptivos, espelhos plásticos.

M. Merlino, C. Amor, G. Garcia, S. Sola

# Viagem pela consciência latino-americana

Presente em Nairóbi com uma delegação latino-americana, Heleith Saffioti — autora, entre outros, do clássico "A Mulher na Sociedade de Classes, Mito e Realidade" — fala de seu comovente contato com mulheres de nossa Latino-América.

O Fórum 85, realizado pela ONU, de 10 a 19 de julho, em Nairóbi, teve, para mim, um sabor distinto do experimentado enquanto participante das outras conferências que a ONU patrocinou: em 1975, no México, e em 1980 na Dinamarca.

No meu caso específico, a experiência foi ainda muito rica por uma outra razão: participei do Fórum 85 na qualidade de membro de uma delegação latino-americana. Embora não fosse alheia aos infortúnios dos povos da América Espanhola, enquanto a leitura é fria, a convivência diária com atores sociais das numerosas tragédias mobiliza sentimentos e emoções fundamentais para a formação e/ou consolidação da consciência de latino-americanidade.

Em junho deste ano eu já tivera o privilégio de participar do **Encuentro sobre la Situación de la Mujer de América Latina y del Caribe Hoy**, convocado pela Frente Continental de Mulheres contra a Intervenção e realizada em Havana. Nesta oportunidade, ouvi rela-

tos de nicaraguenses, guatemaltecas, salvadoreñas, haitianas que me levaram às lágrimas.

A profundidade da exploração destes povos por parte de nações imperialistas, que contam sempre com a colaboração imprescindível das burguesias nacionais capazes de implantar regimes políticos altamente repressivos, produz a mais terrível miséria e não raro, verdadeiros genocídios. Quando o sofrimento se torna insuportável e os povos se levantam contra o "status quo", como são os casos da Nicarágua e de El Salvador, o inimigo alicia adeptos do imperialismo, municia-os, instaurando, desta forma, a guerra civil no seio destas sociedades, tão empobrecidas pela espoliação.

Nestas situações deteriora-se a vida de todos os habitantes de uma nação, mas o saldo negativo é maior para as mulheres. Apenas para ilustrar, se ainda existe escravidão no Haiti, quer para homens, quer para mulheres, são as mulheres púberes que são literalmente cevadas em casas de engorda, a



fim de adquirirem as características necessárias ao desempenho da função de prostituta. Por outro lado, nos países em que quase todo o povo ou parcelas ainda reduzidas dele se levantaram contra o regime de exploração, dada a maior participação dos homens na guerra, são as mulheres que enviavam, passando a responder sozinhas pelo sustento dos filhos. Centenas delas perderam filhos na guerra de libertação.

Não obstante esta dor, o moral destas mulheres é elevado, como observei convivendo com mães e avós da Plaza de Mayo e com mães guatemaltecas, salvadoreñas, nicaraguenses. A forte consciência da necessidade de lutar por uma verdadeira independência de seus povos gera nestas mulheres uma profunda serenidade. No caso das nicaraguenses, tive a oportunidade de observar este fenômeno, também em seu próprio país, onde pude compreender a profundidade e as razões do slogan "Entre Cristianismo e Revolução não há contradição".

## NA GUERRA, COM TERNURA

A crescente importância da participação das mulheres em guerras de libertação constitui um fato novo e de enorme interesse para os estudiosos da posição social da metade feminina de populações impregnadas de ideologia machista. Com efeito, o espaço da guerra sempre foi o espaço privilegiado do homem. A necessidade impeliu as mulheres para o campo de combate. Mais que isto, seu desempenho vem sendo excelente, não apenas enquanto combatentes, como também na qualidade de comandantes.

A oportunidade de entrevistar as comandantes Doris Tijerino, da Nicarágua, e Galia, cujo nome verdadeiro é Sonia Aguiñada, de El Salvador, permitiu-me verificar que,

nestes países, a dominação patriarcal está sendo minada gradativa e permanentemente pela competência revelada por mulheres que atuam na guerra. Chama a atenção de quem não tem familiaridade com este fenômeno a realização da proposta de Guevara: "Hay que ser duro sim perder la ternura". Efetivamente, estas e muitas outras mulheres que, de diferentes formas, sabem tão bem enfrentar e combater o inimigo, preservam a ternura, a afetividade, a capacidade de doar-se através da solidariedade e do carinho.

## A UTOPIA NA HISTÓRIA

O governo cubano financiou a ida de mais de cem latino-americanas a Nairóbi. Na qualidade de uma destas privilegiadas, confesso que vivi intensamente o drama da América Latina, o que me tornou simultaneamente mais brasileira e mais latino-americana.

Vivi a experiência na condição de mulher, de socióloga, de feminista. Nesta última condição senti que somos ainda muito fracas para levar a bom termo as mudanças profundas que desejamos. Lamentavelmente, a mensagem humanizante do feminismo — transformar homens e mulheres em seres humanos plenos — tem tido menos êxito que a guerra na tentativa de transformar o que denominamos de capitalismo-patriarcado.

Embora eu não consiga aplaudir a crescente participação da mulher na guerra, aprendi, há muito tempo, que a violência desempenha papel fundamental na história. Como desejo — e também acredito na função essencial da utopia na história — uma sociedade sem classes sociais e sem dominação de uma categoria de sexo pela outra, continuarei contribuindo com meu grãozinho de sal na obtenção desta meta, na condição de socióloga feminista.



## Xixi feminista

A peruana Rosa Dueñas, (foto acima) fundadora de um refúgio para mulheres espancadas contou que em Cuba fez xixi na rua: "Estávamos atrasadas para um encontro com o comandante Fidel, pedi para o motorista parar num banheiro, mas não havia banheiros no ca-

minho. Não tive dúvidas, desci do ônibus e me aliviei em plena rua. Falei então para minhas companheiras latinas, muitas avessas ao feminismo: pois foi isso que o feminismo me ensinou, não é comum homem urinar na rua? Por que mulher não pode?"



### Tenda da Paz

"Todas as autoridades ousam dizer: errei. Os conflitos se resolvem sem perdedores. Todo mundo limpa o que suja. O trabalho de cuidar das crianças é tão valorizado quanto o dos executivos". Isto significa paz, para o movimento **Feminist International for Peace and Food** — mulheres de vários países e continentes que se uniram para examinar suas experiências de paz e violência. Foram elas que montaram no campus da Universidade de Nairóbi a Tenda da Paz, uma grande tenda listada de azul e branco que ocupou importante espaço no Forum Não-Governamental. Foi lá que aconteceram os diálogos entre norte-americanas e soviéticas, que decidiram realizar agora em outubro uma manifestação pela paz simultânea nos dois países. "Teremos todas as câmeras de tevê sobre nós, e então poderemos ver a cor dos olhos umas das outras", disse na ocasião Zoya Zarubina, do Comitê de Mulheres Soviéticas.

(I.C.)



### Informação

O Forum de 1975, da cidade do México, contou com a participação de seis mil mulheres. Na Dinamarca, em 1980, participaram oito mil pessoas (1/3 de subdesenvolvidas, 1/3 de dinamarquesas e mulheres de países vizinhos e 1/3 de países desenvolvidos). Em Nairóbi avaliou-se a presença de 14 mil mulheres no Forum, quatro mil Delegadas à Conferência Oficial e dois mil jornalistas cobrindo os dois eventos.



### Prostitutas I

Em Nairóbi o tema prostituição recebeu dois acontecimentos importantes: um deles foi a entrevista que o Coletivo Inglês de Prostitutas deu à imprensa internacional.

As prostitutas denunciaram o assassinato de muitas "trabalhadoras da indústria do sexo" no noroeste americano e a ação de uma organização terrorista Nazi, chamada **Exterminador** que vem ameaçando o Centro de Mulheres de King's Cross, Londres, onde é a sede do Coletivo das Prostitutas.

"O que parece um ataque às prostitutas é também um ataque a todas as mulheres. Onde acontecem assassinatos de prostitutas nenhuma mulher se sente segura" — afirmaram as prostitutas em Nairóbi.

Outra discussão sobre prostituição, promovida pela Organização Indiana de Saúde, mostrou sua cruzada contra

# FORUM

a prostituição infantil e a prostituição com bases religiosas.

Quinze por cento das prostitutas na Índia são forçadas à prática da prostituição através da religião do **Sistema Davadasi**, em que as mulheres são "devotas e casadas com a deusa".

Um código de ética e moralidade para banir a prostituição infantil do mundo, prevendo punições severas aos envolvidos com o crime foi a proposta aprovada no Forum a ser encaminhada às Nações Unidas.

### Prostitutas II

Em Nairóbi ainda a presença do **Movimento do Ninho**, recente movimento francês que se propõe a contatar pessoas prostitutas e os chamados marginais absolutos "no sentido de contribuir para sua promoção pessoal e coletiva". Fundado pelo Padre Talvas, o Movimento publica a revista "Femmes et Mondes".

Algumas de suas propostas, enviadas ao Presidente da França François Mitterrand, falam de não aplicar à prostituição as leis e penas destinadas ao proxenetismo.

O Movimento reivindica como direitos fundamentais das pessoas prostitutas o direito de criar seus filhos, não ser "fichada" de forma especial, alugar e comprar casa, o direito, enfim, de possuir uma vida pessoal.

(F.R.)



### Rita aprende

Ela esteve no Brasil em 1983. Professora da Universidade de Gottemburgo, na Suécia, Rita Lijeström se especializou em cultura sexual, tendo participado das comissões governamentais que estudaram os problemas da prostituição e da violência sexual em seu país (**Mulherio** n.º 14). Em Nairóbi, Rita escolheu outro tema: acompanhou os seminários do DAWN sobre alternativas de desenvolvimento, e declarou emocionada: "Foi uma grande experiência constatar que as mulheres do Primeiro Mundo foram minófia aqui, e receber uma lição de sabedoria das mulheres do Terceiro Mundo. Aprendi que temos que ganhar influência e poder, para sermos efetivamente solidárias com elas. Como mulheres nórdicas sem poder, não temos nenhuma utilidade".

(I.C.)

### Alvorada das Mulheres

Integrar uma metodologia feminista na politização dos problemas mundiais: esta a característica do grupo que ficou conhecido pela sigla **DAWN**, que em inglês quer dizer alvorada. A sigla corresponde a um nome longo que descreve os objetivos do grupo: Alter-



nativas de desenvolvimento com as mulheres para uma nova era.

A preocupação central do grupo é propor alternativas para a obtenção de paz, justiça social, desenvolvimento econômico, e liberação de toda opressão de sexo, classe, raça e país, a partir da análise aprofundada do impacto do desenvolvimento sobre a vida da maioria das mulheres, dando especial atenção ao potencial que elas apresentam para superação das crises sistêmicas dos últimos anos.

Em agosto de 1984, num encontro realizado na Índia, foi constituído um conselho consultivo de 20 mulheres de várias regiões do mundo, incluindo quatro latino-americanas: Lourdes Arizpe (México), Isabel Larguia (Cuba), Neuma Aguiar e eu, do Brasil. Este conselho trabalhou ativamente durante um ano, na preparação de um documento base que, após extensivas revisões, foi publicado sob formato de livro e serviu de base a vários painéis em Nairóbi, todos muito concorridos.

Atualmente, o grupo se esforça ao máximo para permanecer aberto. Aberto a críticas e sugestões e aberto à participação de novos interessados. Teremos brevemente uma reunião para decidir o que fazer no futuro. Entre as possibilidades estão a realização de pesquisas comparativas, cursos de pesquisa, seminários, publicações, ampliação de intercâmbio com grupos e pessoas de interesses semelhantes. Gostaríamos de traduzir o livro para o português. Qualquer sugestão sobre temas e atividades é muito bem vinda.

Carmen Barroso

### Tráfico I

Foi muito discutida a necessidade de intensificar campanhas internacionais contra o tráfico de mulheres entre países do III Mundo (em particular os asiáticos) e o Japão; contra a venda de noivas orientais ("mulheres doces e cordatas", segundo um catálogo de venda), contra o turismo organizado com o aval de autoridades governamentais japonesas a ilhas do Pacífico para "lazer e sexo" (segundo os folhetos de tais tours). Este foi um dos poucos temas tratados na reunião das Organizações Não-Governamentais que conseguiu ser filtrado para a Conferência Oficial, tendo suas denúncias e recomendações incorporadas no documento "Estratégias para o Futuro".

(M.G.C.)

### Tráfico II

Stop é uma sigla usada na campanha contra o tráfico de mulheres filipinas. STOP dirige-se principalmente contra donos de bordéis, administra-

dores, proxenetes, agentes, recrutadores, protetores, e contra todos aqueles que estão por trás do tráfico de meninas — e também de meninos — tanto a nível local quanto internacional.

A campanha também investe contra outras formas de abuso sexual, como dos militares por ocasião de torturas, e a "cantada" dos chefes nos locais de trabalho.

(F.R.)

### PALESTINAS

Sue Saloum, representante da União Geral de Mulheres Palestinas, parte do O.C.P. rep. cou. a uma acusação de que as palestinas não tratavam de temas de mulher mas de temas políticos, da seguinte forma: "Para nós violência política e violência sexual se entrelaçam". Considerando-se que no massacre de 1982, nos campos palestinos, por forças israelitas, várias mulheres e crianças foram sexualmente violentadas e que entre 1967 e 1983, cerca de 147 mulheres foram assassinadas nas invasões a domicílios palestinos e que segundo mulheres do Forum, algumas delas já haviam sido fumigadas com produtos químicos pelas forças israelitas. Como pedir a essas mulheres que considerem suas vidas pessoais à parte do que se está passando em sua terra natal?

(M.G.C.)



### Doces protestos melódicos

"Y va a caer/Y va a caer/ Y va a caer el Pinochet"  
"Se va acabar/ Se va acabar/ La dictadura militar"

Tente cantarolar esses doces versinhos ao som de "Vai acabar (palmas) Vai acabar (Palmas) a Ditadura militar" entoada em muitas manifestações de que você participou ou que você assistiu em praças e ruas Brasil afora. Junte ao refrão a cadência de uns 500 garfos e umas 500 facas ressoando sobre mesas de fôrmica. Acontecia diariamente (de preferência no jantar) no imenso refeitório do III Encontro Feminista da América Latina e do Caribe. Pegou o clima?

Nessas horas, duas adeptas do "pinochetazo", presentes ao Encontro, gravadores e máquinas fotográficas em punho e que não se cansavam de repetir que no Chile os direitos dos trabalhadores são amplamente respeitados, costumavam enfiar a cara nas saladas.

(E.L.)

E em Nairóbi fazia sucesso o refrão: "Si Somoza ya se fué/Que se vaya Pinochet". Uma rima urgente para Stroessner e Baby Doc!



# Mulheres no poder

Eu me perguntava hoje, quando vinha para cá, como poderia falar sobre a diferença que haveria se o mundo fosse dirigido pelas mulheres. Creio que aqui mesmo temos um exemplo muito vibrante, muito explícito. É só ver o que se passa na Conferência Oficial, onde também sou delegada, onde quase todos os discursos são iguais — frios, neutros, abstratos, distantes da realidade —, e ver o que se passa aqui, onde há calor, energia, paixão, raiva. E uma certeza, de que passa por nós a construção de uma nova sociedade.

(Ruth Escobar, no seminário Como Seria o Mundo se fosse Governado pelas Mulheres, organizado por Bela Abzug)

Ainda não vi um homem, num conselho ministerial, o rosto vermelho de raiva, bater a mão na mesa e dizer: precisamos de mais creches! Talvez eles fizessem isso, estou certa que fariam, se vissemos as crianças sob sua inteira responsabilidade. Como mulheres no poder, teríamos um interesse especial pelas mulheres dos países em desenvolvimento. Nos últimos 15 anos, corporações multinacionais têm usado as mulheres do terceiro mundo para manter os custos do trabalho baixos e os lucros altos. (...) E claro, parece re-

dundante dizer, como mulheres no poder faremos todo o possível para obter a paz. Fazemos isso agora, em Greenham Common, em demonstrações contra armamentos nucleares, em nossos partidos políticos. Mas não estamos nos organismos que tomam as decisões sobre guerra e paz. Não estou falando apenas sobre ter mulheres no poder, vocês entendem? Estou falando sobre socialismo-feminismo no poder".

(Margareth Papandreus, grega, a mais aplaudida do seminário)

Tenho prazer em aproveitar esta oportunidade para dizer que nós, na Assembleia Nacional do Vietnã, somos agora 180 mulheres, o que significa 27 por cento. Mas pretendemos para o próximo ano ser pelo menos 30 por cento. Depois que o governo do Vietnã assinou e ratificou a Convenção para suprimir qualquer discriminação contra as mulheres, fizemos um novo Código Penal no qual tornou-se crime qualquer discriminação política, econômica, cultural ou científica contra as mulheres. Isto é para contar a vocês que as mulheres do Vietnã lutaram junto com os homens, mas não seríamos capazes de fazer isso sem a solidariedade de nossas irmãs de todo o mundo. (Ngo Ba Thana, parlamentar vietnamita)



## CLASSIFICADOS

- **Massagem integrativa.** Harmonização, desbloqueio, energização. Grupos de gestantes. Preparação para parto natural. DJANIRA: tel. 852-4018 e 813-7789
- **Zulaib Cobra Ribeiro. Advogada Criminal.** Telefone (011) 35-1002 — End.: Rua Tabatinguera, 93, 2º andar, conj. 22, S.P.
- **Margareth Martha Ailha. Psicóloga Clínica.** Atendimento de adultos, de 2ª a 6ª feira, a partir das 14 horas. R. Caracas, 48, Jardim Paulista. São Paulo
- **Faço traduções** — Inglês e alemão — gosto de trabalhar com assuntos ligados ao movimento feminista, política e literatura. Telefone para lês, no número 276-8160 (das 11:00 às 15:00h).

**SE VOCÊ NÃO VIER A ESTA MONTANHA, ESTA MONTANHA IRÁ ATÉ VOCÊ.**

Todo o repertório de livros que um educador moderno e consciente precisa conhecer você encontra na Livraria da Vila. Mas se preferir, a Livraria da Vila vai se encontrar com você no seu colégio.

**LIVRARIA DA VILA**  
O mais completo mentilário de literatura infantil-juvenil e livros de educação.  
Rua Fradique Coutinho, 1140-S. Paulo  
CEP 05416 - Telefone: 815-7105

**galeria de arte e molduras Ltda.**

**ARTEBELA**

Gravuras de Volpi, Aldemir, Djanira, Tostzi, Renina, Foyga, Dorso, etc. Desenhos e aquarelas de novos artistas. Todo tipo de moldura em madeira, alumínio, laca, ouro envelhecido, prata, etc. Atendemos na sua própria casa. Desconto de 20% com a apresentação deste anúncio. Rua Artur de Azevedo, 2102. Fone: 815.7786

## PONTOS DE VENDA DO MULHERIO

- LIVRARIAS**
- SÃO PAULO**  
Art-Nouveau — Shopping Center Eldorado  
Best-Seller — Rua Bela Cintra, 1478  
Brasiliense — R. Barão de Itapetininga, 99  
Brasiliense — R. Oscar Freire, 561  
Capitu — R. Pinheiros, 339  
Contemporânea — R. Arapanés, 662  
Cortez — R. Bartira, 387  
Cultura — Av. Paulista, 2073, conj. Nacional  
Duas Cidades — R. Bento Freitas, 158  
Klaxon — Av. Paulista, 2650  
Klaxon — R. Pamplona, 1704 - loja 1  
La Selva — Aeroporto Congonhas  
La Selva — Aeroporto Cumbica  
Livre — R. Armando Penteado, 44  
Pagu — Teatro Ruth Escobar, R. dos Ingleses, 209  
A Porta do Livro — R. Madre Cabrini, 36  
S & R — Al. Lorena, 1326  
Todavia — R. Bela Cintra, 1237  
Vozes — R. Hadock Lobo, 360
- ARACAJU**  
Corel — Rua CF s/n
- CURITIBA**  
Distribuidora Nova Ordem — R. General Carneiro, 441
- JUIZ DE FORA**  
Espaço Cultural — R. São João, 357
- General Vitorino, 140
- RIO DE JANEIRO**  
Eu & Você Editora — R. Constante Ramos,

- 23-B  
Dazibao — R. Visconde de Pirajá, 571-B
- SALVADOR**  
Litearte — Av. Sete de Setembro, 750
- NATAL**  
Cooperativa Universitária — Campus da Universidade Federal  
Livraria Independência — Alecrim
- UBERLÂNDIA**  
Pró-Século XXI — R. Tenente Virmondos, 434
- GRUPOS DE MULHERES**
- BRASÍLIA-DF — Brasília Mulher  
CAMPINAS-SP — Coletivo Feminista de Campinas  
CUIABÁ-MT — Associação de Mulheres de Mato Grosso  
CURITIBA-PR — Movimento 8 de Março  
FORTELEZA-CE — Grupo 4 de Janeiro  
GOIÂNIA-GO — Cevam — Centro de Valorização da Mulher  
LINS-SP — Mulher Libertação  
MACEIÓ-AL — União de Mulheres de Maceió  
PORTO ALEGRE-RS — Grupo Feminista Gêmina  
RECIFE-PE — SOS Corpo  
SANTA MARIA-RS — Grupo Feminista Germinar  
SÃO PAULO-SP — CIM - Centro de Informação Mulher
- CAXIAS DO SUL**  
San Remo — R. Borges Medeiros, 803

**PIU PIU**  
Venha curtir a intensa movimentação de um bar onde acontece de tudo

Rua 13 de Maio, 134 Tel.: 258-8066

**CADERNOS DE PESQUISA**

Nº Especial n.º 54

Pesquisa sobre Mulher no Brasil / A Senhora do Divino / A Pedagogia do Feminino / As Múltiplas Faces da Maternidade / A Transgressão Feminina no Brasil Colonial / Um Estudo da Trajetória de Mulheres em Conceição do Araguaia / Oleiras - Oleiras / Secretária: uma ambigüidade em feitiço de profissão.

Revista da Fundação Carlos Chagas  
Catálogo, assinaturas e informações:  
**FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS**  
Setor de Edições  
Av. Prof. Francisco Morato, 1565  
05513 — São Paulo — SP  
Tel: (011) 211-4511

**ASSINE MULHERIO ASSINE**

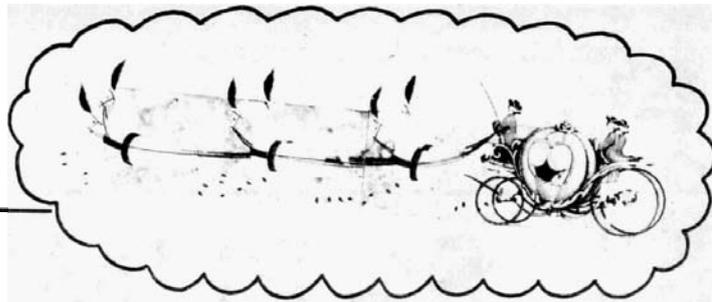
Assinar Mulherio é bom e barato. E é a melhor maneira de você receber o jornal regularmente em sua casa, a cada dois meses. Ou resolver aquele presente complicado, de aniversário ou Natal. É fácil. Preencha o cupom ao lado e envie, junto com um cheque nominal cruzado, para Núcleo de Comunicações Mulherio, Rua Cunha Gago, 704 — CEP: 05421 — São Paulo — SP. Caso você deseje fazer mais de uma assinatura, confira nossos preços especiais. Você pode também adquirir as coleções do Mulherio, 1ª fase (12 números) e 2ª fase (6 números).

Assinatura (6 números) **Cr\$40.000**

**Promoção**

<input type="checkbox"/> 2 assinaturas.....	Cr\$ 76.000
<input type="checkbox"/> 3 assinaturas.....	Cr\$ 108.000
<input type="checkbox"/> 4 assinaturas.....	Cr\$ 140.000
<input type="checkbox"/> Coleção 1ª fase.....	Cr\$ 15.000
<input type="checkbox"/> Coleção 2ª fase.....	Cr\$ 20.000

Nome \_\_\_\_\_  
Endereço \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_  
Estado \_\_\_\_\_  
CEP \_\_\_\_\_  
TEL. \_\_\_\_\_  
Profissão \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_



## As abóboras de Colette Dowling

Cumprindo programação da Editora Melhoramentos, Colette Dowling, autora do best-seller *O Complexo de Cinderela*, debateu, deu entrevistas e fez reuniões em São Paulo e no Rio no começo de setembro.

Depois de ter lido e ouvido tanto sobre ela (se você própria já não leu o livro), você acha que suas idéias merecem mais do que esse verbo todo aí de baixo?

Fulvia Rosemberg

### Em que países o livro foi editado?

Foi traduzido em 18 línguas. Publicado nos EUA, França, Itália, Israel, Japão, Holanda, Brasil (o único país subdesenvolvido). Editado pela primeira vez em 1981.

### A que atribui seu sucesso?

Movimento feminista americano muito político. Depois de quase 20 anos pouca coisa mudou na vida das mulheres. O movimento pressionava as mulheres a trabalharem fora, e as irritava. Considera o primeiro livro que trata de fatores psicológicos, internos à própria mulher (o que não é verdade). Daí o sucesso. O movimento feminista americano foi muito crítico a respeito do livro, afirmando que ela,

Colette Dowling, culpabilizava a vítima (No que concordo).

### À crise econômica tem algo a ver com o sucesso? (Isto porque acho que o livro propõe uma doce ilusão: um modelo de "self made woman")

Acha que sim. As mulheres "abandonadas" (descasadas, divorciadas e mais velhas) não têm condição nos EUA de enfrentar o mercado de trabalho e sobreviver (no livro ela fala muito em money, dinheiro).

### Você conhece uma mulher liberada?

Não. Processos de liberação/sujeição muito interiorizados. Outro dia viu a Marília Gabriela na televi-

são e, sem conhecê-la, achou que pelo deslocamento e presença poderia ser uma.

### A Margaret Thatcher seria liberada?

"Acho que não." Liberada para ela não quer dizer agressiva. Acha que "a Margaret Thatcher não resolveu questões internas, de relacionamento com o homem. É contrafóbica" (ri da tirada).

### Homem americano é feliz?

Não. Muita responsabilidade para trazer dinheiro para casa. Acha, "por mais superficial que tenha sido o conhecimento, que o homem brasileiro é mais livre: o contato através do olhar é mais expressivo".

### E a mulher brasileira?

(Muita dificuldade em responder). Acha que é mais preocupada que a americana com as questões da mulher.

### Qual o lugar que atribui ao amor?

Desenvolve sua resposta sempre em função da relação conjugal e formal. Acha que é difícil compreendê-lo por causa da armadilha que tem sido para a mulher.

### Por que não pôs os filhos na creche?

Porque não tinha naquela época. Acha que a educação de filhos pequenos é um problema sério. Que é uma luta imprescindível.

### E como coloca no livro que a guarda do filho pequeno é uma questão pessoal?

Já saíram livros sobre questões estruturais. Acha que um livro não precisa dar conta de tudo. Simone de Beauvoir também tratou das questões psicológicas.

### Mas ela também tratou das questões estruturais, digo eu.

"Ela é um gênio. Eu não."

### O que acha da política de Reagan com respeito à mulher?

Muito ruim. É muito parecido com outros presidentes americanos. O melhorzinho foi Kennedy.

### E a guerra nas estrelas?

Péssimo. A mulher tem atuado em movimentos pela paz. Apóia. Por causa da maternidade a mulher é mais sensível à guerra.

### Que solução propõe para as mulheres se liberarem?

Fazer mais terapia. Mais auto-análise e voltar aos grupos de reflexão.

### Não acha que esta ênfase na responsabilidade individual culpabiliza as mulheres, numa tradição judaico-cristã?

Não. É mais responsabilidade individual, em sentido existencial.

### Você não acha que o sucesso do seu livro se deve a um entre jogo entre manipulação da culpa e de identificação?

(Ficou meio irritada). Não tenho a menor responsabilidade pelo uso que as leitoras e as editoras fazem desse livro. Fui honesta escrevendo-o em meu escritório. Se as japonesas caíram em cima dele por devorarem tudo que é americano, o problema é delas. Não aceito a culpa pela infantilidade de certas leitoras.

### Quanto você ganhou com a edição do livro?

1 milhão de dólares.

Minha opinião sobre o *Complexo de Cinderela* é curta e grossa: culpabilizante e escapista. Lembra-me o horóscopo de jornal criado durante a grande depressão econômica americana: uma mensagem de otimismo, uma mensagem de pessimismo. Se as coisas vão mal, o problema é dos astros e de você mesma. Nada a ver com as estruturas. Assim percebo o livro: uma boa história para a gente se identificar, depois uma péssima análise pra você se culpabilizar. Azar seu, se não consegue ter sucesso. Da próxima vez leia com mais atenção o diagnóstico e as instruções de uso. Talvez assim você consiga ser mais uma self made woman! (F.R.)

## Desencantador da Cinderela

Aparecida Izilda Neves

Se Colette Dowling rebate as críticas a seu livro jogando a responsabilidade na expectativa das leitoras, seu marido é bem mais enfático: as pessoas que criticam o livro são "enfuzadas". "São pessoas que estão sempre procurando encontrar problemas em tudo. Enfim, parecem estar bravas desde pequenas. Essas pessoas dizem que devemos mudar a sociedade. Claro que a sociedade precisa mudar, mas vivemos aqui e agora e as mulheres precisam aprender a viver melhor e serem mais felizes".

Lowell Miller, 37 anos, não gosta de ser chamado de marido porque ele e Colette não são casados oficialmente, mas pode ser conside-



rado o desencantador da Cinderela. Enquanto ela ia desenvolvendo a idéia de que "a dependência psicológica é a força motriz que ainda mantém as mulheres agrilhoadas", Lowell ia pagando as contas do casal e o aluguel da ampla e aconchegante casa, com jardins e árvores frutíferas, que alugaram numa comunidade rural, próxima a Manhattan.

Poeta nas horas vagas — "ninguém vive de poesia nos Estados Unidos" — com poemas publicados na revista Rolling Stone, Lowell se dedica 20 horas por semana às atividades de corretor de investimentos na área financeira e se define como "médio rico".

Quanto às gordas quantias que Colette vem recebendo, não gosta de opinar, provavelmente esquecido dos tempos em que cobrava de Colette uma contribuição financeira em casa: "prefiro que o dinheiro não interfira nas nossas relações."



# FORUM 85

## Estudos Sobre



Existem hoje Núcleos de Estudos sobre a Mulher em várias universidades. A Fundação Carlos Chagas, cujo núcleo de pesquisas sobre a mulher surgiu em 1974, tem uma reconhecida produção em diversas áreas — trabalho, políticas públicas, família, papéis sexuais, educação sexual, etc. A bibliografia brasileira sobre o assunto, levantada pelas pesquisadoras da Fundação, registra 1.200 itens de 1976 a 1984 (*Mulher Brasileira — Bibliografia Anotada*, Vol. I e II, Editora Brasiliense).

O coletivo de pesquisa da Fundação Carlos Chagas tem utilizado metodologias e meios de comunicação inovadores como pesquisa participativa, vídeo, jornal. Como observou Carmem Barroso em Nairóbi, no painel "Estudos sobre a Mulher como Estratégia para Mudanças Educacionais", "... não podemos nos deixar aprisionar em nenhuma camisa de força (da linguagem), seja ela intuitiva e fluida ou objetiva e racional. Quanto maior o número de linguagens para nos expressarmos, melhor, e isso inclui a linguagem do poder, através da qual ganhamos autoridade em certos círculos".

É apostando nessa flexibilidade que *Mulherio* abre esta seção de *Estudos sobre a Mulher*, incluindo pesquisa acadêmica e não-acadêmica, filmes, vídeos, audiovisuais, cursos, indicação de núcleos de estudo, etc. Aguardamos suas informações sobre a produção nestas áreas.

### Núcleos de Estudos

**NEDIM:** Núcleo de Estudos, Documentação e Informação sobre a Mulher. Ligado ao Depto. de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará, surgiu em 1981.

**NEM:** Núcleo de Estudos sobre a Mulher, ligado ao Depto. de Sociologia e Política da PUC/RJ, criado em 1981.

**NEIRSG:** Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Reações Sociais de Gênero, surgido na PUC/SP, em 1983 no âmbito do curso de Estudos Interdisciplinares de Relação do Gênero.

**NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE A MULHER.** Ligado à Univ. Federal da Paraíba.

**NEIM:** Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, ligado ao mestrado de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Univ. Federal da Bahia. Criado em 1983.

**CEPEA:** Centro de Estudos, Pesquisa e Assessoria para Assuntos da Mulher, Porto Alegre, RS, fundado em 1983.

**NÚCLEO MULHER:** Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher. Ligado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Univ. Federal do Rio Grande do Sul. Criado em 1984.

**NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A MULHER,** ligado à Universidade Federal de Minas Gerais. Criado em 1984.

Atualmente funcionam na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais dois grupos de trabalho especialmente volta-

dos para a discussão de pesquisas sobre o tema: o grupo "Mulher na Força de Trabalho", coordenado por Heleith Saffioti, do curso de Pós-Graduação em Sociologia Urbana da UNESP/Araraquara e o grupo "Mulher e Política", coordenado por Ana Alice Pinheiro, da Universidade Federal da Bahia

### Centros de Informação

**SOS Corpo:** Grupo de Saúde da Mulher. Publicações, pesquisas, textos avulsos, audiovisuais e vídeos sobre sexualidade e saúde. Rua do Hospício 859/4º, Boa Vista, Recife, PE, CEP: 50000. Tel.: (081) 221-3018.

**CIM:** Centro Informação Mulher. Publicações, pesquisas, documentos, recortes de jornais, documentação audiovisual em geral. Caixa Postal 11.399, 05499, São Paulo, SP, tel.: (011) 229-4818.

**REDE MULHER:** Centro de Documentação e Educação Popular. Pesquisas, textos, audiovisuais e vídeos. Tel.: (011) 262-9407.

### Guia Internacional

O ISIS Internacional (Via Santa Maria dell'Anima, 30 00186, Roma-Itália) acaba de publicar o ISIS — International Audiovisual Resource Guide, resultado de um levantamento de materiais audiovisuais produzidos por e sobre mulheres. O guia contém uma lista de 600 títulos e mais de 250 endereços de organizações, grupos e indivíduos que produzem ou distribuem audiovisuais na América Latina, Ásia, Pacífico, África, Europa e América do Norte.

O FilmForum de Nairóbi/85 foi organizado pelo National Film Board, do Canadá, que programou a exibição de 160 filmes e vídeos sobre mulheres realizados por mulheres de mais de 30 países, entre América Latina, Europa, América do Norte, Oriente Médio e África. O Brasil compareceu com uma mostra de 13 filmes e 12 vídeos, selecionada pela Embrafilme sob a coordenação de Edyala Iglesias. A censura queniana impediu a apresentação de dois filmes brasileiros, *Mulheres da Boca*, de Inês Castilho e Cida Aider, sobre a prostituição em São Paulo, e *Hysterias*, também de Inês Castilho, e causou grande revolta ao censurar o filme *Leila e os Lobos*, sobre a mulher palestina, da libanesa Heini Srour.

### Filmes

Os filmes brasileiros mostrados no FilmForum foram: **Balzaquianas e A Terceira Idade**, de Eliane Bandeira e Marília de Andrade; **A Menina e a Casa da Menina**, de Maria Helena Saldanha; **Pena Prisão**, de Sandra Werneck; **Vida de Mãe é Assim Mesmo?** de Eunice Gutman; **Retratos de Hideko**, de Olga Fudemma; **Tempo Quente**, de Leilany Fernandes; **Minha Vida Nossa Luta**, de Susana Amaral; **Mulheres de Cinema**, de Ana Maria Magalhães; **Ylê Xoroqué**, de Raquel Gerber; **Iya-Mi Agba**, de Juanita Elbein dos Santos.

### Vídeos

**Brilho Profano**, Casa da Mulher do Grajaú; **Comida Típica para os Deuses e Dama do Pacaembu**, de Rita Moreira e Maria Luiza Leal; **Olho d'Água**, de Paula Gaitan; **Pajens**, de Fúlvia Rosemberg; **Teu Nome Veio da África**, de Maria Luiza Aboim; **Mulher Índia**, de Eliane Bandeira; **Retrato de Mulher**, de Carmen Barroso; **Silvia**, de Helena da Rocha; **Só No Carnaval**, de Eunice Gutman e Regina Veiga; **Tá Ligada Nessa?** de Elizabeth Salgueiro e Regina Barbosa; **Violência Contra a Mulher**, de Odacy Costa.

### Distribuição

As distribuidoras desses filmes e vídeos são: **CDI - Cinema Distribuição Independente**, Rua Treze de Maio, 489, 01327, São Paulo, tel.: (011) 288-4694; **Embrafilme**, Rua Mayrink Veiga

28, 20090, Rio de Janeiro; **VemVer Comunicação e Difusão Cultural**, Rua Visconde de Pirajá, 430/9C1 22410, Rio de Janeiro.

Um vídeo de 60 minutos sobre Nairóbi, com material cedido pelo Centro Simone de Beauvoir, está sendo preparado pelo Coletivo de Mulheres de Cinema do Rio de Janeiro. Maiores informações com Eunice Gutman, Rua Assunção 411/201, Botafogo, Rio de Janeiro, tel.: (021) 259-9226.

### Nairóbi no rádio

Foram ao ar em setembro, pela Rádio Cultura de São Paulo, dois programas sobre Nairóbi, de aproximadamente 60 minutos cada um. O primeiro é sobre o Fórum Não-Governamental e traz a participação de mulheres de vários países — África do Sul, Canadá, Índia, Suécia, Vietnã — com tradução simultânea. O outro traz entrevistas com Betty Friedan e Angela Davis e a participação das brasileiras, entre elas Carmen Barroso, Ruth Escobar e Thereza Quintella, ministra do Itamaraty e chefe da delegação brasileira à conferência oficial da ONU. Os programas foram realizados em co-produção com o Mulherio, que enviou a repórter Inês Castilho a Nairóbi graças ao apoio da instituição alemã Evangelisches Missionswerk. As rádios interessadas podem contactar Irineu Gernini, diretor de programação, RTC: Rádio e Televisão Cultura, Rua Cenno Sbrighi, 378, 05099, São Paulo, tel.: (011) 263-9111, R. 335.

# ENCANTO

O III Encontro Feminista apresentou vídeos e audiovisuais realizados por mulheres e grupos da América Latina e do Caribe.

### Audiovisuais

**Não Quero Ser a Próxima e O Prazer É Nosso**, Grupo Maria Bonita, SP; **Casa da Mulher de São Paulo**, Noemia Cannalunga, Brasil; **CIRM: Rompendo o Silêncio**, Coletivo Centro, Colômbia; **Pintando o Sexo**, SOS Corpo, Recife, PE; **Retrato de Mulher**, Carmen Barroso, SP; **Nelsy Adolot**, República Dominicana; **Quem Pare Sente Dor, Quem Cria Sente Amor**, Brasil.

### Vídeos

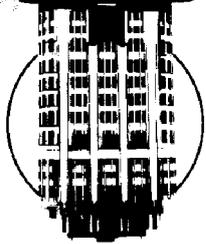
**Mulher Índia**, Eliane Bandeira, SP;

**Prendas Domésticas**, Grupo Mulher Dá Vida, SP; **Lesbianismo**, Brasil; **Mulher de Sonho**, Grupo Intervención, Canadá; **Geronima: Transculturación y Aniquilamiento de una Mujer Indígena**, Mabel Maio, Argentina; **El Video em Manos de un Grupo de Amas de Casa**, Colômbia.

Informações com o CIM, tel.: (011) 229-4818, que também pode dar maiores detalhes de um vídeo sobre o III Encontro, ainda em fase de produção

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

CULTURA



GOVERNO MONTORO

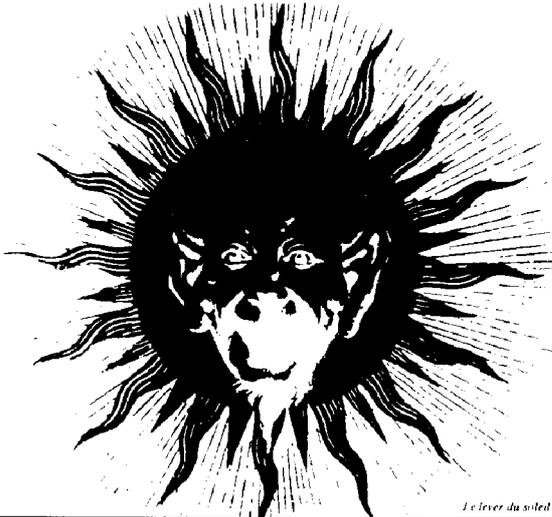
9: MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA SÃO PAULO  
COLABORAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

# A LUZ NO CINEMA

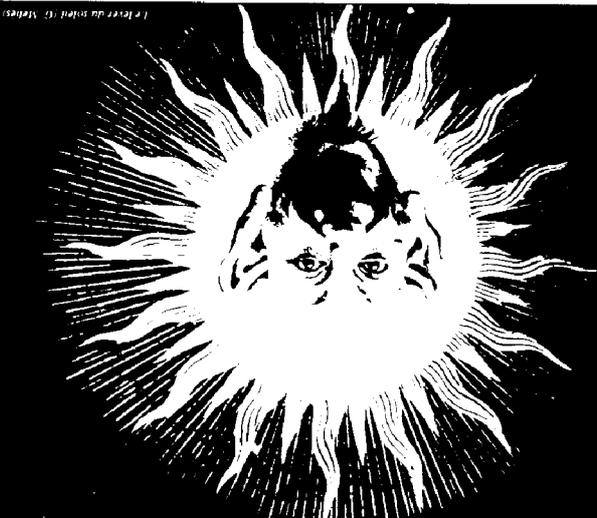
COLABORAÇÃO ENERGIA DE SÃO PAULO, CESP, CPFL, ELETROPAULO, COMGAS  
APOIO CINEMATECA BRASILEIRA

CENTRO DE LAZER SESC FABRICA POMPEIA - RUA CLELIA N: 93

17 DE OUTUBRO A 3 DE NOVEMBRO DE 1985



*Le lever du soleil (G. Méliès)*



*Le lever du soleil (G. Méliès)*

17 DE OUTUBRO A 3 DE NOVEMBRO DE 1985

CENTRO DE LAZER SESC FABRICA POMPEIA - RUA CLELIA N: 93

APOIO CINEMATECA BRASILEIRA

COLABORAÇÃO ENERGIA DE SÃO PAULO, CESP, CPFL, ELETROPAULO, COMGAS

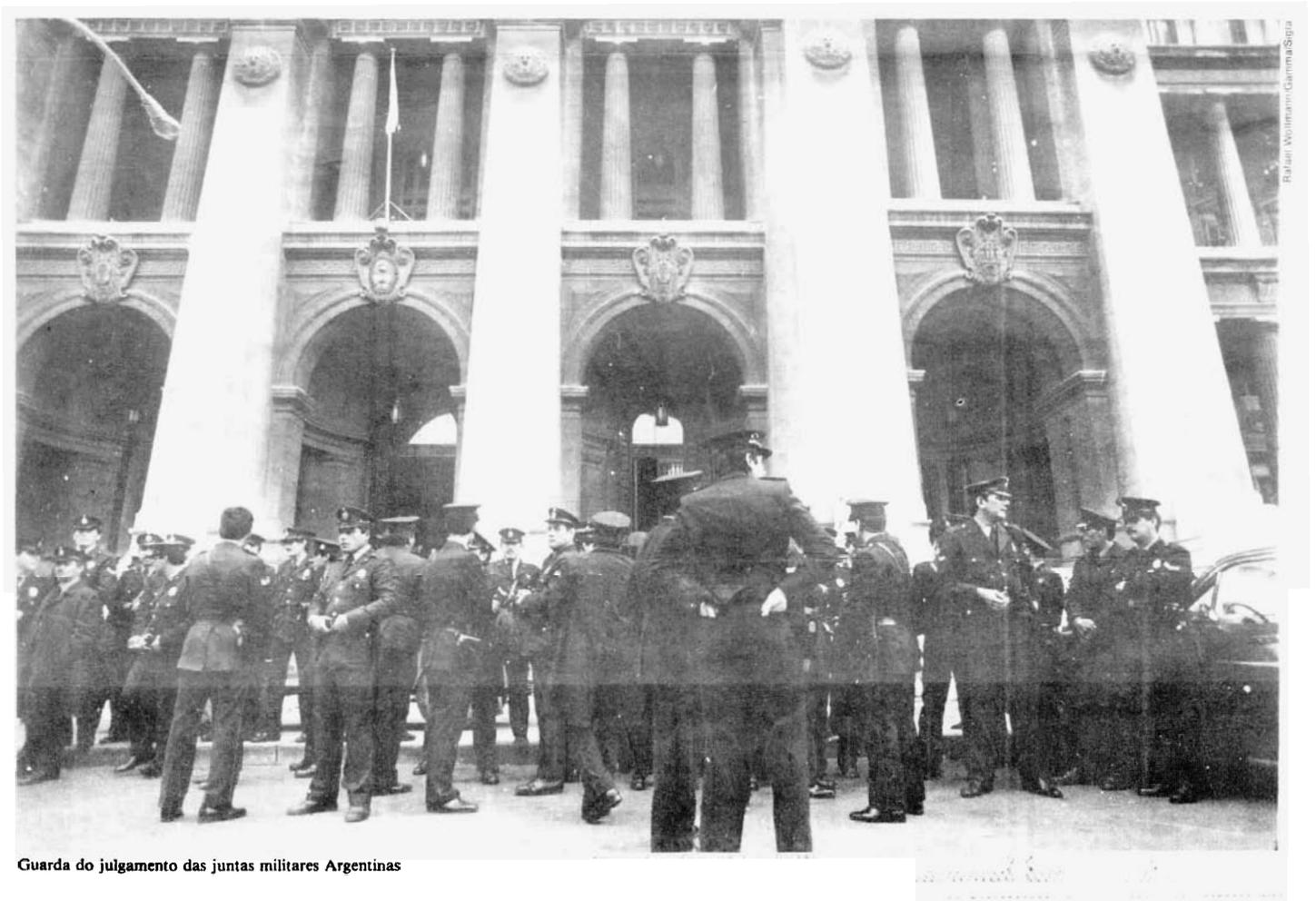
# A LUZ NO CINEMA

COLABORAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

9: MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA SÃO PAULO



# MILITÄR



Guarda do julgamento das juntas militares Argentinas

Reuter, Wolffmann, Gamma, Sigra